CPAD

5 Oseias a Malaquias

Comentário Bíblico Beacon

Oscar F. Reed
Armor D. Peisker
H. Ray Dunning
William M. Greathouse

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

OSÉIAS A MALAQUIAS

5

CPAD

O Livro de
OSÉIAS

Oscar F. Reed

Introdução

Os estudiosos consideram Amós o líder dos que libertariam a religião de sua relação antinatural com a tirania, o egoísmo, o cerimonialismo e a superstição. Em comparação com ele, Oséias é considerado o profeta mais antigo que interpretou a vontade de Jeová relacionada ao amor. Conforme observou George Adam Smith: "Não há verdade dita pelos antigos profetas sobre a graça divina que não encontremos embrionariamente neste profeta. [...] Ele é o primeiro profeta da graça, o primeiro evangelista de Israel".[1]

O teor da profecia é um testemunho dinâmico e severo contra o Reino do Norte por ter se apostatado do concerto. Todos conheciam bem a corrupção que campeava pela nação no âmbito das questões públicas e particulares.

O propósito de Oséias era o de convencer seus compatriotas sobre a necessidade de se arrependerem, restabelecerem a relação de concerto e dependerem do Deus paciente, compassivo e perdoador. "Oséias apresenta a ameaça e a promessa do ponto de vista do amor de *Yahweh* (Jeová) por Israel como seus filhos queridos e como a sua esposa do concerto".[2]

A doutrina do amor de Deus apresentada por Oséias não era inédita; contudo, foi expressa com clareza e propósito. Ainda que sua mensagem não esteja na lista dos principais profetas por causa da brevidade de suas declarações, deve constar entre as mais importantes em termos de compreensão das Escrituras. Oséias era mais poeta que teólogo – o apóstolo João do Antigo Testamento.[3]

A. Autoria e Data

O nome "Oséias", como "Josué" e "Jesus", é derivado do radical hebraico que significa "salvação". É idêntico ao nome do último rei de Israel.

A erudição bíblica reconhece amplamente que Oséias era nativo do Reino do Norte, pois ele conhecia profundamente todos os aspectos da vida de Efraim. Escreve na qualidade de testemunha ocular. Exceto o nome de seu pai e o casamento com Gômer, há poucos detalhes sobre sua vida. Supõe-se que era sacerdote, apesar de não haver indicativo a esse respeito. Tinha em alto conceito o dever sacerdotal e faz numerosas referências aos sacerdotes (4.6-9; 5.1; 6.9), à Torá ou lei de Deus (4.6; 8.12), às coisas impuras (9.3), às abominações e à opressão da "casa de Deus".[4] Entendia bem a lei escrita e conhecia Israel pessoalmente. Sabemos pouco acerca de seu ministério efetivo, a não ser que foi perseguido muito provavelmente por causa de seu trabalho profético (9.7,8).

Oséias concede-nos a data de sua profecia no título do livro: "Palavra do SENHOR que foi dita a Oséias, filho de Beeri, nos dias de Uzias, Jotão, Acaz, Ezequias, reis de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel" (1.1).

Há notável diferença de julgamento quanto à duração do ministério de Oséias. O caráter fragmentário das profecias sugere que nem todas foram entregues no mesmo período da vida do profeta. Archer deduz que parte da escrita deve ser datada antes da morte de Jeroboão II (753 a.C.), "visto que o capítulo 1 interpreta o significado simbólico de Jezreel com o sentido de que a dinastia de Jeú deve ser exterminada com violência".[5]

Quando Salum assassinou Zacarias, filho de Jeroboão, a profecia se cumpriu. Por outro lado, parece que o capítulo 5 é dirigido ao rei Menaém (752-742 a.C.). Levando em conta que o capítulo 7 trata da "dupla-diplomacia" de lançar a Assíria contra o Egito (fato não conhecido antes do reinado do rei Oséias, 732-723 a.C.), temos de admitir que este capítulo vem de 10 a 20 anos depois do capítulo 5. É lógico que o livro apresenta trechos selecionados de sermões entregues durante certo período de tempo. Archer conclui que o ministério de Oséias abrangia um período de pelo menos 25 anos, sendo que a compilação final foi concluída e publicada em 725 a.C., uns 30 anos depois do início do ministério deste profeta.[6]

Por outro lado, Carl Keil, estudioso alemão, acredita que Oséias manteve seu ofício profético entre 60 e 65 anos. (A discrepância está entre a duração do "ofício" em oposição ao tempo efetivo das declarações proféticas.) Este cálculo é 27 a 30 anos sob o reinado de Uzias, 31 anos sob o reinado de Jotão e Acaz, e de 01 a 03 anos sob o reinado de Ezequias.[7] Ainda que tenhamos justificativa em presumir que o ministério de Oséias durou o tempo indicado em 1.1, as evidências internas do livro apontam épocas extensamente divergentes das efetivas declarações proféticas – um período de tempo que pode ter sido consideravelmente mais curto que o indicado pelo título.

Mesmo que a verdadeira extensão do ministério de Oséias possa permanecer em dúvida, sabemos que Amós foi seu contemporâneo nos primeiros anos de seu ministério, e que Isaías, Miquéias e Obadias conviveram com ele durante os seus últimos anos.

B. Pano de Fundo Histórico

Para entendermos os escritos de Oséias em relação ao conceito do amor divino, que é o tema central do livro, é necessário examinarmos brevemente as circunstâncias sob as quais ele exerceu seu ministério. Como acontece com todos nós, não podemos entender a pessoa ou sua mensagem independentemente de seu ambiente peculiar. O profeta é influenciado pela cultura na qual vive e a influencia.

O reinado de Jeroboão II em Israel foi uma época de paz, prosperidade e luxo. Contudo, após a morte deste monarca sobrevieram anarquia, disputa e concerto quebrado. Knudson, ao resumir a situação, escreve:

> Jeroboão [...] foi sucedido por seu filho Zacarias, que depois de um breve reinado de seis meses foi assassinado por Salum. Este subiu ao trono e, após reinar por um mês, foi morto por Menaém, o qual reinou por dois ou três anos, e foi sucedido por seu filho, Pecaías, que, depois de um reinado de dois anos, foi assassinado por Peca. Este reinou por um ano ou dois, e depois foi morto por Oséias, que subiu ao trono como vassalo assírio e foi o último dos reis de Israel. Assim, em um período de oito ou nove anos, de 740 a.C. a 732 a.C., houve não menos de sete reis de Israel, e destes, quatro foram assassinados por seus respectivos sucessores.
>
> O período após a morte de Jeroboão II caracterizou-se pela ausência de um governo capaz de equilibrar a estrutura religiosa, política, social e econômica. O reino estava a caminho da ruína. Esta situação é vista com clareza nos últimos 11 capítulos do livro de Oséias.[8]

Depois da morte de Jeroboão, Israel encontrava-se politicamente fracassado. Estava minado por tramas, fraudes e intrigas. A nação estava madura para a conquista. Em acréscimo ao quadro decadente, Yates observa que "príncipes tolos, que levaram o povo a confiar no Egito, apressaram o fim. Os egípcios prometiam muito, mas nunca puderam cumprir o que prometeram. Israel estava totalmente desprovido de aliados". [9] O resultado era inevitável e a primeira investida ocorreu em 733 a.C., quando Tiglate-Pileser invadiu Damasco, saqueou o território de Israel e levou a maioria dos líderes para o exílio. Em 722-721 a.C., Sargão tomou a capital Samaria. Oséias não tinha ilusão acerca deste trágico desastre. O castigo dos pecados de Israel era iminente, mas ainda estava no futuro.

A desintegração política em Israel nos dias de Oséias foi, possivelmente, indicação de uma moléstia social muito grave. Foi um tempo de crime, corrupção e imoralidade. A degradação do sacerdócio, a impotência dos governantes, o desatino do pecado e a injustiça contribuíram para o declínio e queda do Reino do Norte. Havia relaxamento na conduta individual. O caráter era negligenciado. A dignidade do indivíduo era sacrificada em função da indisciplina pessoal, e a incerteza dominou a nação.

A presença disseminada de cultos à fertilidade causou seu efeito na desintegração da vida familiar. O lar já não era sagrado e os votos matrimoniais quase nada significavam. As orgias relacionadas aos cultos sobre a fertilidade transformaram muitos israelitas em bêbedos, e havia suspeita de que muitas das mulheres tornaram-se prostitutas cultuais.

Entre todas as classes sociais havia ódio. Os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres, mais pobres. Os ricos oprimiam os pobres e até os escravizavam. [10] A situação estava no ponto certo para Oséias cumprir o papel tradicional de profeta, ou seja, ser paladino dos pobres e defensor das reformas sociais.

É claro que o profeta logo identificou o cerne da degradação política e social: falhas religiosas e morais – o pecado. A idolatria era a causa da doença de Israel. Oséias a rotula de "prostituição" (1.2; 6.10), "luxúria" (4.10), "incontinência" (4.11; cf. "se prostituem", 4.13,14; "corrompem-se", 4.18; "te tens prostituído", 5.3). Eiselen escreve acerca da situação: "Israel, a esposa de Jeová, mostrou-se infiel ao marido. As provas da infidelidade evidenciavam-se no âmbito da religião, da ética e da política, e os pecados que provocaram a ira de Jeová e de seu profeta concentravam-se em torno destas três esferas". [11] Há somente uma consideração nominal a Jeová (8.2). O povo se entregou à superstição e licenciosidade.

Os sacerdotes fracassaram em seu dever para com Deus e o povo. Alegravam-se com os pecados do povo, porque isso lhes aumentava a renda. Tornaram-se bandoleiros (6.9). A própria nação se tornou "prostituta". O estado de Israel foi de uma apostasia religiosa tal que resultou em degradação moral, social e política.

C. A Teologia de Oséias

Oséias concentra sua atenção na relação de Deus com Israel. Enquanto Amós está preocupado com a soberania divina e com o interesse de Jeová por outras nações, a abordagem de Oséias é uma preocupação exclusiva com a relação de Israel com Deus pertinente ao concerto. "A nação abandonou seu marido *Yahweh*, e desempenhou o papel de meretriz

quando colocou sua confiança nos baalins. [...] O pecado não é definido de forma legalista; [...] para ele, a essência do pecado de Israel é confiar em qualquer ser ou coisa que exclua Deus na busca de direção e sustento de vida." [12] Por isso, o profeta censura severamente toda forma de idolatria.

A interpretação que Oséias faz da história de Israel prende-se em torno da idéia do amor divino e do conhecimento de Deus. Por trás da figura da paternidade e do casamento estão duas palavras hebraicas usadas por Oséias: *'ahab* e *chesed*. A primeira é o equivalente hebraico do termo *amor*, usado para referir-se ao amor humano, quer puro ou impuro. A segunda (*chesed*) é a palavra traduzida em 2.19 por "benignidade" (RC; ECA; ARA), "amor" (BV; NTLH; NVI) e "amor firme" (RSV). Também significa "amor de concerto", "amor-concerto", ou seja, o amor ligado ao concerto. Quando usada em relação a Deus é o equivalente hebraico de "fidelidade" e quando usada em relação ao homem desdobra-se no sentido de "devoção, religiosidade, lealdade". A palavra *'ahab* é considerada a mais restrita das duas, ao passo que *chesed* é a mais nobre. Entretanto, há ocasiões em que *'ahab* tem seus termos de elevada nobreza e dignidade. A palavra *'ahab* é empregada para denotar o "amor-eleição" de Deus e forma a base do concerto. Indica a ação redentora do Senhor na história e na escolha de Israel como seu povo.

Havia duas questões que a lei não podia responder acerca de si mesma. A primeira dizia respeito à razão para seu próprio estabelecimento. A única resposta achava-se no amor (*'ahab*) de Deus. O "amor-eleição" de Jeová por Israel era a base e a causa única da existência do concerto entre Deus e Israel. De fato, se não fosse pelo "amor-eleição" de Jeová nunca teria havido concerto e, por conseguinte, Israel. Também de acordo com o concerto, era a contínua obediência de Israel a Deus que tornava possível sua existência.

Mas, e se Israel fosse desobediente? A lei não tinha resposta! Só o amor fiel de Deus poderia oferecer uma solução. Isto nos proporciona a segunda síntese entre a lei e o amor no livro de Oséias. Esta vinculação está ilustrada graficamente pela relação dele com sua esposa adúltera. O amor de Deus atinge o ápice da expressão quando Jeová brada: "Como te deixaria, ó Efraim? Como te entregaria, ó Israel?" (11.8). Oséias usa constantemente a palavra *chesed* (amor) para denotar a atitude de Jeová pertinente ao concerto. Portanto, *'ahab* é a causa do concerto e *chesed* é o meio de sua continuação. Assim, *chesed* seria a atitude expressa para com o concerto da parte de Deus e de Israel.[13]

Na progressão da idéia de amor em Oséias há três pontos importantes a destacar. Primeiro, o amor é a base do concerto. Segundo, ele é a resposta ao concerto quebrado e à existência continuada de Israel. Terceiro, a "firmeza" ou a "fidelidade" é o elemento central no amor. Portanto, a base do concerto é o amor e não a lei. Mas a santidade de Deus ainda exige que a lei – a essência do seu amor e concerto – seja guardada e que o transgressor seja excluído da comunhão divina.

Mesmo que haja o amor (*chesed*) de Deus por Israel, tem de haver um *chesed* ao Senhor proveniente de Israel. É uma relação recíproca. Deus inicia esse amor e Israel, agradecidamente, retribui. Este é o sentido no qual o amor (*'ahab*) é usado de uma forma inferior para uma superior, o sentido de amor humilde e obediente. O amor do homem por Deus no Antigo Testamento está baseado no amor do Senhor pelo homem.

A relação não está elaborada de forma sistematizada, mas ela existe. Se Israel precisava ser grato a Deus por sua eleição, muito mais agradecido precisava ser pelo amor firme e pela fidelidade do Senhor depois de ter quebrado o concerto com Ele.

Assim, vemos que o pano de fundo do concerto entre Jeová e Israel é a graça, não a lei. Poderíamos dizer que a lei, como expressão da santidade de Deus, forneceu a essência do seu amor (*chesed*) e, portanto, do concerto com seu povo.

O problema do *chesed* de Deus e do concerto quebrado concentra-se na tensão entre a santidade e o amor divinos. Qual é o equilíbrio entre a misericórdia e a justiça? O livro de Oséias é excelente exemplo desta tensão entre a mensagem de destruição proclamada por Deus e sua misericórdia. Jeová foi constantemente fiel na sua parte do concerto, e é este elemento do amor de Deus que, no final das contas, ocasiona a solução da tensão entre seu amor e sua santidade. Deus mesmo ocasionaria esse arrependimento requerido por ele (12.6) e forneceria a expiação que sua santidade e justiça exigiam (Is 53). É a idéia de amor (*chesed*) na relação de concerto, ainda que quebrado, que se desdobra no propósito da graça no Novo Testamento. É também este elemento que proporciona o pano de fundo para a profecia do novo concerto em Jeremias e o fundamento da esperança messiânica.

O segundo elemento no livro de Oséias é o conhecimento de Deus. Esta característica surge da "comunhão" que é o resultado do "amor de concerto". Esta comunhão no pensamento hebraico torna-se o método de conhecer Deus. Vriezen comenta: "Este conhecimento de Deus é essencialmente uma comunhão com Deus, e é também fé religiosa. É algo completamente diferente de conhecimento intelectual: trata-se de conhecimento do coração e demanda o amor do homem (Dt 6); sua demanda vital é andar humildemente nos caminhos do Senhor (Mq 6.8); é o reconhecimento de Deus como Deus, a rendição total a Deus como Senhor".[14]

Com isto em mente, podemos entender por que era tão sério o clamor de Oséias de que não havia "conhecimento" de Deus em Israel. Indica que não havia fidelidade a Deus, amor a Ele e comunhão com Ele. O profeta não se refere a um conhecimento intelectual, mas a uma relação espiritual. Vriezen demonstra esta dedução quando escreve que, no Antigo Testamento, "o conhecimento de Deus não implica numa teoria sobre a natureza de Deus; não é ontológica, mas existencial: é uma vida na verdadeira relação com Deus".[15]

A análise descrita acima destaca dois fatores sobre o "conhecimento" no Antigo Testamento. Primeiramente, é espiritual e relacional e não intelectual. Em segundo lugar, tem implicações éticas. Snaith ilustra este segundo ponto quando, ao comentar sobre 4.2, diz que "o verdadeiro *chesed* (amor) de Israel por Jeová implica [...] fundamentalmente em conhecimento de Deus e, resultante disso, lealdade na adoração verdadeira e apropriada, junto com o procedimento adequado a respeito das virtudes humanitárias".[16] O fato que conhecimento é essencialmente comunhão, e que isto está baseado necessariamente na relação de concerto com Jeová, acarreta implicações éticas. Pois se o amor é o elemento básico no concerto, não pode estar separado da lei que fornece sua essência. Portanto, o conhecimento de Deus proporciona a transição entre a religião e a ética; assim se justifica o clamor profético pela justiça social e a insistência que a verdadeira religião é muito mais que a observância ritual.

É evidente que a "ética" de Israel era profundamente pessoal e estava baseada na idéia-concerto de *chesed* (amor), o qual está muito bem apresentado nos escritos de Oséias. Visto que seu tema principal é as relações entre pessoas e seu alvo é a união ou conhecimento no mais pleno sentido da palavra hebraica, *chesed* é o meio de vencer o afasta-

mento e a desavença. Isto ocorre porque a mente hebraica via o homem, em si, como algo incompleto, alguma coisa menos que ser humano, quando fica separado da relação de concerto. Torna-se verdadeiramente autêntico apenas quando descobre sua relação com Deus e com o homem.

A reconciliação ocorre pelo amor de Jeová ao homem e pela resposta humilde do ser humano em amor. É pelo amor que o homem percebe a verdadeira essência do seu ser. Rosenberg escreve:

> O amor é a exigência racional para a completude, a integridade humana e a relação mútua; é a busca de uma união de nossos meio-mundos com o que nos completa como pessoas. [...] Amar é reconciliar-se com o que sentimos que estamos separados; é empreendimento racional, que brota de nossa vontade para ver a justiça que nos é feita através de nosso relacionamento com as pessoas. O "mandamento de amar" não é um imperativo impossível que exige uma resposta emocional e antinatural, mas é uma expressão da necessidade humana fundamental e insubstituível de integridade pessoal. "Conhecer o próximo como a ti mesmo" é o que o Antigo Testamento quer dizer quando ordena que amemos o próximo. Conheça-o como alguém relacionado e ligado a você – como uma expressão de você mesmo que ajuda a restabelecer sua integridade como pessoa completa.[17]

Oséias com sua teologia de amor prepara o pano de fundo para a idéia do Novo Testamento de que a existência só é percebida num relacionamento com Deus, e a vida mais completa é percebida na *koinonia* (comunhão de amor). O ápice é atingido nos escritos de João e, sobretudo, em 1 João 4.16,17: "Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele. Nisto é em nós aperfeiçoado o amor" (ARA).

Nos dias de Oséias, Israel parecia incapaz de arrepender-se e a santidade do Senhor não podia tolerar o pecado. De alguma forma, o amor firme de Deus acharia um meio de trazer as pessoas de volta para Ele. Embora o Senhor tivesse pronunciado certa destruição sobre o pecador, prometeu que nunca abandonaria Israel. O povo israelita tem de ser julgado, mas Deus, em seu amor (*chesed*), não pode destruí-lo. Esta tensão criativa alcança sua maior expressão em 11.8,9 (ARA), onde, depois de predizer o exílio na Assíria, Jeová brada:

Como te deixaria, ó Efraim?
Como te entregaria, ó Israel?
Como te faria como a Admá?
Como te fazer um Zeboim?
Meu coração está comovido dentro de mim,
As minhas compaixões, à uma, se acendem.
Não executarei o furor da minha ira;
Não tornarei para destruir a Efraim,
Porque eu sou Deus e não homem,
O Santo no meio de ti;
Não voltarei em ira.

*Esboço**

* O autor deste comentário está em dívida com seu aluno, Otho Adkins, pela pesquisa que fez nos livros de Oséias e Joel quando, em 1963 e 1964, estudava na Faculdade de Pasadena.

I. **Experiência e Entendimento**, 1.1—3.5

A. A Vida Pessoal de Oséias, 1.1—2.1
B. A Tragédia Pessoal e o Amor Redentor de Oséias, 2.2-23
C. Os Procedimentos de Oséias com Gômer, 3.1-5

II. **O Pecado de Israel**, 4.1–13.16

A. A Infidelidade de Israel e sua Causa, 4.1—6.3
B. A Infidelidade de Israel e seu Castigo, 6.4—10.15
C. O Amor de Jeová, 11.1—13.16

III. **Arrependimento e Restauração**, 14.1-9

A. A Súplica Final ao Arrependimento, 14.1-3
B. A Promessa de Bênção Última, 14.4-8
C. Epílogo, 14.9

SEÇÃO I

EXPERIÊNCIA E ENTENDIMENTO

Oséias 1.1—3.5

A. A VIDA PESSOAL DE OSÉIAS, 1.1—2.1

Deus usa as experiências de seu povo para revelar-se progressivamente no Antigo Testamento, com vista de sua revelação plena em seu Filho, Jesus Cristo. Foi o que sucedeu com Oséias, por quem começamos a entender a manifestação do amor de Deus ao homem.

1. *Título* (1.1)

A profecia começa com uma frase muito importante: **Palavra do SENHOR que foi dita a Oséias** (1). Esta expressão pode ser traduzida assim: "O começo do que Jeová falou por Oséias". Deus não só falava com o profeta, mas, por intermédio dele, comunicava-se com outras pessoas.

A convicção de que a **Palavra do SENHOR** vem ao profeta (cf. Jr 1.2; Jl 1.1; Mq 1.1; Sf 1.1; Ag 1.1; Zc 1.1) é fundamental para a profecia hebraica. A inspiração do profeta não é dele, mas de Deus, que está disposto a revelar sua pessoa e sua vontade ao povo através de seu mensageiro.[1]

Oséias era **filho de Beeri**. Nada sabemos sobre seu pai, mas o nome significa "meu poço" ou "o poço de Jeová". O fato de o profeta estar a par das questões santas indica, talvez, que seu pai era sacerdote.

Conforme indicação, as profecias ocorreram durante os reinados de **Uzias, Jotão, Acaz, Ezequias, reis de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel** (ver Introdução para inteirar-se de explanações sobre a duração do ministério de Oséias).

2. *O Casamento de Oséias* (1.2,3)

Disse, pois, o SENHOR a Oséias: Vai, toma uma mulher de prostituições (2). Os intérpretes não concordam que esta passagem inicia uma narração alegórica ampliada ou se deve ser considerada literalmente. "Jeová teria ordenado que um homem santo fizesse o que era expressamente proibido aos sacerdotes para, depois, desaprovar Israel como um todo?"[2] Agostinho proibiu a interpretação literal, ao basear-se no princípio hermenêutico de que a interpretação literal, a qual aqui era incongruente e moralmente imprópria, seria considerada inferior ao sentido figurado. A experiência não era obviamente uma visão. Muitos estudiosos, inclusive Keil, a consideram "intuição interior e espiritual na qual a palavra de Deus foi dirigida ao profeta".[3] Em outras palavras, ela era uma representação alegórica.

Talvez a objeção mais séria a uma interpretação alegórica seja a narrativa em discurso direto dada por Oséias. Não há indicação de que seria entendida de outro modo. O texto fornece o nome do pai de Gômer, **Diblaim** (3), embora nada mais se saiba sobre ele. Um princípio hermenêutico mais forte que o citado por Agostinho é que, a não ser indicação em contrário, a Bíblia deve ser considerada em seu sentido claro e óbvio.

O autor deste comentário acredita que a melhor solução está na conjectura de que Gômer, quando se casou, não era mulher de costumes dissolutos. Archer conclui sua análise: "Se Oséias entregou sua mensagem quando era mais velho, ele pode ter rememorado sua tragédia doméstica e visto nela a mão orientadora de Deus. Desta forma, o incentivo do Senhor para ele se casar, ainda que a infidelidade futura de Gômer fosse prevista por Deus, teria sido equivalente a uma ordem: 'Case-se com uma mulher adúltera', mesmo que o profeta não tivesse recebido esta ordem precisamente nestes termos".[4] O Senhor usou a dramática experiência pessoal de Oséias para revelar o pecado de seu povo escolhido e o caráter de sua vontade, a fim de atrair Israel de volta para Ele.

3. *Os Filhos de Oséias* (1.4-9)

Gômer era provavelmente uma pessoa comum, conforme indica o fato de o nome de Deus (*El* ou *Jah*) não estar incluído em seu nome. A maioria dos nomes das pessoas de classe alta continha o nome divino.

O primeiro filho de Oséias e Gômer foi **Jezreel** (4). O Senhor ordenou que Oséias desse à criança este nome, que significa "Deus semeia" ou "Deus espalha". Assim, simbolicamente, a referência era um ato de julgamento que se daria na destruição de Israel.

O **sangue de Jezreel** refere-se à cidade de Acabe e Jezabel. Foi nesta localidade que ocorreu o massacre da casa de Acabe (2 Rs 9.21-37). Pela razão de **Jeú** ter agido com crueldade, o julgamento visitaria sua própria casa. A profecia de Oséias falou do início do fim de Israel, embora tenha sido proferida 40 a 60 anos antes da queda de Samaria (ver Diagrama A).

O **arco de Israel** (5) que seria quebrado **no vale de Jezreel** representa o poder desta nação. Não se imaginava algo mais indefeso que um israelita guerreiro com um arco quebrado. O **vale de Jezreel**, que mais tarde seria conhecido por "vale de Esdraelom", tem sido, desde Débora a Allenby, o campo de batalha do Oriente Próximo. "Onde Jeú tinha pecado, no mesmo lugar, em sua posteridade, o pecado seria punido".[5]

Ao dar o nome de **Jezreel** a seu filho, o profeta simbolizava o derramamento de sangue em Jezreel, quando Jeú ascendeu ao trono. Representava também o esperado julgamento de Deus sobre esta dinastia, por causa do massacre deste rei.

O segundo filho era uma menina, acerca de quem Deus mandou a Oséias: **Põe-lhe o nome de Lo-Ruama** (6). O nome, em hebraico, significa "não é favorecida" ou "aquela que não é compadecida". Indica que a criança era ilegítima, gerada sem o amor de pai. Simbolicamente, a menina recebeu este nome para ressaltar que o Senhor não mostraria mais compaixão a uma nação que lhe era rebelde. A misericórdia de Deus com Israel se esgotara. Ele não pouparia mais. Há uma determinação nas palavras finais: **Mas tudo lhe tirarei**. Assim que Israel fosse levado ao exílio, não haveria volta como sucederia com o Reino do Sul no tempo da restauração. Israel tinha de se conscientizar de que o concerto fora rescindido – que Jeová não era mais seu Deus, que Ele a considerava nação idólatra.

Por outro lado, Deus declarou: **Mas da casa de Judá me compadecerei e os salvarei pelo SENHOR, seu Deus** (7). Observe que o pronome *eu* (oculto) foi substituído pelo nome próprio o **SENHOR, seu Deus**. Embora **Judá** não estivesse isento da desgraça do exílio, ele foi salvo da apostasia final pelo favor de Deus. Ainda que Oséias não ignore o estado religioso e moral de **Judá**, ele promete libertação.

A profecia se encerra mostrando que Judá não será salvo pela força de exércitos, mas **pelo SENHOR, seu Deus**. Israel confiara em recursos terrenos (10.13), mas só quem decisivamente confiara no Senhor e o adorara poderia contar com a absoluta certeza da libertação.

A ameaça para Israel diz respeito ao castigo imediatamente no futuro (2.1-3), quando o julgamento finalizaria a história das dez tribos. Não obstante, como ressalta Keil, "também tem um significado que se aplica a todas as eras, qual seja, quem abandona o Deus vivo cairá em destruição e não pode contar com a misericórdia de Deus nos tempos da necessidade".[6]

O terceiro filho nascido de Gômer, um menino, foi chamado **Lo-Ami, porque vós não sois meu povo, nem eu serei vosso Deus** (9). O ciclo se fecha. O terceiro filho também é ilegítimo e Oséias reconhece que Gômer foi adúltera. O nome sugere a sucessão ininterrupta de desgraças a ocorrer em Israel. **Não** é **meu povo** – assim Israel seria chamado. O concerto foi totalmente rescindido. Na última frase, as palavras passam com grande ênfase para a segunda pessoa: "Eu não serei para vós", ou: "Eu já não pertencerei a vós" (cf. Êx 19.5; Sl 118.6; Ez 16.8). O cumprimento da profecia encontra-se na história trágica de 2 Reis 17.18.

4. *Restauração e Renovação* (1.10—2.1)

De modo repentino, Oséias passa da tragédia para a promessa. No meio do julgamento, o Senhor se lembrou da misericórdia. Este apêndice ao capítulo 1 é o anúncio salvífico da restauração final para aqueles que se voltam para o Senhor. O número da posteridade de Israel será **como a areia do mar, que não pode medir-se nem contar-se** (10). A predição do castigo final tem de ser modificada por Deus devido às promessas feitas a Abraão em Gênesis 22.17 e 32.12. Oséias não pôde apagar a possibilidade da salvação originalmente prometida pelo Senhor. "Quando Deus faz as mais terríveis ameaças, ele concomitantemente faz as mais graciosas promessas".[7]

A profecia expressa a promessa graficamente quando diz que os homens chamados **Lo-Ami** (**não** é **meu povo**) serão chamados **filhos do Deus vivo** (10). Esta mudança ocorrerá na terra do exílio, tanto para Israel como para Judá (11). Aqui, Jeová é chamado

El chai, o **Deus vivo**, em oposição aos ídolos que Israel criara ou copiara das nações vizinhas. Esta talvez seja a primeira vez que Deus prediz que adotará os gentios. Paulo se refere a esta predição em Romanos 9.24-26.

A magnífica promessa messiânica do **Deus vivo** fala do restabelecimento das relações entre Israel e Judá: **E os filhos de Judá e os filhos de Israel juntos se congregarão** (11). Estas palavras proféticas denotam mais que apenas a volta do cativeiro. O versículo 11 fala do **dia de Jezreel**, quando, sob **uma única cabeça**, o Rei-Messias, eles irão à terra que lhes pertence. Se o cumprimento inicial da profecia era a volta de Judá da terra da Babilônia acompanhado de muitos israelitas, o cumprimento final seria a "restauração dos judeus, convertidos e crentes no Messias, sob as ordens divinas, de volta à sua própria terra".[8]

Embora os nomes dos filhos do profeta fossem presságios de tragédia iminente, o quadro de repente muda. A maldição agora é bênção. O **dia de Jezreel** não é um "espalhamento", mas uma "reunião" na consumação espiritual final. O **Não... meu povo** se torna "meu povo" e "aquela que não é compadecida" se torna compadecida ou amada com compaixão (2.1). "Grande será o dia tão destacado pela bondade divina; tão glorioso em graça divina; e tão distinto pelas maravilhosas obras do Senhor que cumpre o concerto".[9]

Para confirmar este acontecimento festivo, em 2.1 a promessa messiânica se encerra com uma convocação: "Falai com vossos irmãos e agora os chamai: Meu povo, e chamai vossas irmãs: Amadas" (Phillips). Visto que Deus ampliou sua misericórdia, os indivíduos espiritualmente relacionados são exortados a tratar alegremente uns aos outros, com o "novo nome" que receberam do próprio Senhor.

Sugerimos esta exposição do capitulo 1: 1) A revelação de Deus diante da experiência humana, 1a, 2a; 2) A obediência do homem diante de questões óbvias, 3a, 4a, 6a, 9a; 3) A promessa de Deus diante de obstáculos insuperáveis, 10.

B. A TRAGÉDIA PESSOAL E O AMOR REDENTOR DE OSÉIAS, 2.2-23

No capítulo 2, a narrativa é recontada em estilo poético (cf. Moffatt; ECA; NVI), embora no drama os personagens sejam outros. O próprio Jeová aparece como o marido ofendido que acusa Israel como sua esposa adúltera. Deus é quem fala, ao passo que os poucos israelitas fiéis são as pessoas com quem Ele se comunica.

1 *Vergonha de Israel* (2.2-13)

Contendei com vossa mãe, contendei, porque ela não é minha mulher, e eu não sou seu marido (2). Deus conclama o remanescente fiel (1 Rs 19.18) a instaurar o processo divino contra a idolatria e a iniqüidade da terra. Trata-se de um chamamento urgente e extremamente emotivo à conversão. Deste modo, o "casal significante dá lugar à coisa significada: O próprio Israel é a mulher adúltera".[10]

É importante o fato de o discurso ser dirigido aos filhos e não à esposa. Ainda que Jeová se dirija à nação idólatra, Ele reconhece que as pessoas não estavam individualmente envolvidas da mesma forma nem eram igualmente culpadas de transgressão. A observação destaca o ensino dos profetas que tinha prevalência durante o exílio e após

sua vigência: Embora Israel fora santificado como nação escolhida, cada indivíduo era responsável por sua própria integridade espiritual. O Senhor tinha os 7.000 durante o tempo de Elias (1 Rs 19.18), e em cada geração havia os que eram fiéis ao concerto mesmo em meio a uma nação pecadora.

Os **filhos** (4), ou os fiéis entre os **filhos**, tinham causa urgente a contender (2, questionar), pois Deus rescindira o concerto. **Ela não é minha mulher, e eu não sou seu marido**. O Senhor, como marido, rompeu suas relações matrimoniais com Israel, por causa do hábito adúltero de idolatria vulgar.

Pusey apresenta exposição intrigante da passagem em analogia quando observa que: 1) Os profetas sempre encerram a ameaça de julgamento iminente com o subseqüente amanhecer da esperança; 2) A mãe é a igreja ou a nação; 3) Os filhos são seus membros; 4) Os filhos têm de "contender" com a mãe em vez de acusar Deus; 5) O apelo final de Deus era de caráter mais gracioso que legal.[11]

O versículo 2 retrata o modo desavergonhado no qual Israel praticava a idolatria: **Desvie ela as suas prostituições da sua face e os seus adultérios de entre os seus peitos**. O texto fala que a conduta era **prostituições**, mas para a esposa a conduta era **adultérios**. As **prostituições** (idolatria) de Israel eram descaradas e notórias. A Bíblia é imparcial, perfeitamente de acordo com a franqueza oriental. Schmoller escreve acerca do versículo 2: "Israel age como prostituta impudente e pública, que mostra sua profissão no rosto e nos seios [expostos]".[12]

O chamado ao arrependimento é comoventemente enfatizado pela referência ao castigo: **Para que eu não a deixe despida, e a ponha como no dia em que nasceu, e a faça como um deserto, e a ponha como uma terra seca, e a mate à sede** (3). A passagem de Ezequiel 16.4-14 descreve a nação como criança imunda e nua, que o Senhor tomou e cobriu com roupas e adornos caros e com quem fez um concerto. De certa forma, Oséias alude a esse amor de concerto pelo qual o Senhor adornou sua esposa (Israel) durante o casamento. Por causa dos adultérios cometidos por ela, ele a deixará **despida**, ou seja, pobre e nua. O **dia em que nasceu** simboliza o nascimento da nação no momento da saída do Egito. O **deserto** não se refere à terra, mas ao próprio Israel, que era tão estéril quanto o deserto, sem os recursos de manutenção mínima. A **terra seca** indica o estado de "desidratação" espiritual que viria por Israel ter se separado da fonte das "águas vivas" – o próprio Senhor.

E não me compadeça de seus filhos, porque são filhos de prostituições (4). Este é reconhecidamente um versículo difícil se o significado for tirado do contexto e tratado isoladamente. A oração, embora independente na forma, é dependente de **para que... não** (3, *pen*), a fim de ganhar significado. Então, fica assim: "Contendei, para que eu não venha a ter misericórdia de seus filhos". Os filhos são idênticos à mãe.[13] São chamados "filhos de prostituições", não apenas como membros da nação, mas porque sua herança induziu a mesma conduta. Eles também estão pessoalmente contaminados. Eles endossam o pecado de sua mãe. Aprovam a idolatria cometida no santuário e no palácio. Keil observa: "O fato de os filhos serem especialmente mencionadas depois e junto com a mãe, quando na realidade ela e eles são uma coisa só, serve para dar maior veemência à ameaça e evita a segurança carnal na qual os indivíduos imaginam que, já que estão livres do pecado e da culpa da nação como um todo, também serão isentos do castigo ameaçador".[14]

A acusação de idolatria é repetida: **Porque sua mãe se prostituiu** (5). Esta frase serve para confirmar a última parte do versículo 4.[15] A nova ênfase reafirma o pensamento de que os **filhos de prostituições** não acharão misericórdia.

Houve-se torpemente (5) é, literalmente, "praticou a vergonha" ou "fez coisas vergonhosas" (cf. "está coberta de vergonha", NVI; "o que ela fez foi uma vergonha", BV). Em seguida, o texto anuncia com todas as letras a natureza da conduta vergonhosa. **Porque diz: Irei atrás de meus namorados, que me dão o meu pão e a minha água, a minha lã e o meu linho, o meu óleo e as minhas bebidas**. Estes **namorados** ("amantes", ARA) são os muitos baalins, atrás dos quais as pessoas, cegas de paixão, corriam e aos quais atribuíram os benefícios materiais, que, na realidade, eram dados por Jeová. Reynolds observa que a contraparte atual deste pecado de Israel é o discurso da prosperidade, da natureza, do destino ou do reconhecimento de que a lei dá coisas boas, "como se fosse superstição ou heresia afirmar que foi Deus quem as concedeu".[16]

A ilusão de que foram os **namorados** (ídolos) que deram comida, roupas e os regalos da vida foi copiada dos assírios e egípcios, com cujos ídolos Israel cometeu fornicação espiritual. Os israelitas olhavam para a riqueza dos vizinhos e a atribuíam aos deuses dessas nações. O fato de a maioria ter aceitado a perversão espiritual prova a que ponto extremo eles estavam longe de Deus e de sua vontade. "Pois, contanto que o homem continue em comunhão vital e impassível com Deus, 'ele vê com os olhos da fé a mão nas nuvens', das quais recebe tudo que precisa para sua orientação, e das quais tudo depende inteiramente, mesmo aquilo em que é visivelmente independente e forte" (Hengstenberg).[17]

O compromisso com a idolatria, que se encontra no termo **irei** (5), a despeito de tudo que Jeová fizera por Israel, indica a extensão da apostasia deste povo. Seu engano, carnalmente influenciado, foi identificar os recursos da vida com os ídolos inanimados em vez de relacioná-los ao Deus vivo. "Procurarei essas alianças e dependerei delas", disse Israel. Mas Jeová replicou: Por causa da tua persistência, **cercarei o teu caminho com espinhos; e levantarei uma parede de sebe, para que ela não ache as suas veredas** (6). As figuras da cerca de espinhos (cf. NTLH) e da parede (ou "muro", NTLH) denotam o propósito de Deus em separar os filhos de Israel de suas idolatrias, mesmo que eles estejam no meio de uma nação idólatra em pleno exílio. Repare como Phillips expressa o pensamento: "Por isso, vou bloquear todos os seus caminhos com espinhos, vou encerrá-la entre paredes de forma que ela não possa achar uma saída". Jeová concluiu que o tratamento mais cruel era o único meio de fazer seu povo se voltar para Ele, o Deus que fere e cura (6.1).

A acusação do versículo 6 é confirmada e reiterada no versículo 7 em forma de paralelismo, seqüência de frases bastante comum na estrutura poética hebraica. **E irá em seguimento de seus amantes, mas não os alcançará; e buscá-los-á, mas não os achará; então, dirá: Ir-me-ei e tornar-me-ei a meu primeiro marido, porque melhor me ia, então, do que agora** (7). Os **amantes** representam as nações idólatras, de onde Israel buscou apoio, e seus ídolos que estavam envolvidos nos ritos de fertilidade imorais da religião cananéia. Desta feita, Israel ficará desapontado, porque não lhe prestarão qualquer serviço. **Buscá-los-á, mas não os achará**. A satisfação que Israel esperava lhe escapará. Os deuses com os quais os israelitas contavam nada podem fazer por eles. Matthew Henry observa: 1) "Aquele que está muito firme em seus julgamentos pecaminosos é quem, na maioria das vezes, está mais envolvido com eles" (Pv 22.5); e, 2) "Deus anda contrário àqueles que afastados dele" (Sl 18.26; Lv 26.23,24; Lm 3.7-9).[18]

Estas dificuldades (cercas e paredes) que Deus levantou inevitavelmente estimulariam os pensamentos de voltar. "E então ela dirá: Vou voltar para o meu primeiro marido. Era melhor para mim do que agora" (Phillips; cf. BV). Os filhos de Israel aumentariam seu afeto pelos ídolos, para então, subitamente, perceber que não lhes serviram de nada. Esperavam que os ídolos os libertassem, mas eles só encontraram calamidade em sua busca impetuosa. **Em seguimento** (hb., *riddeph, piel*) indica uma procura intensa – "procurar com avidez".

No versículo 7, há uma confissão justa: **Porque melhor me ia, então, do que agora**, e um propósito bom: **Ir-me-ei**. Não havia dúvida por parte dos israelitas de que Deus os receberia novamente na relação de concerto se eles voltassem com humildade e arrependimento.

O versículo 8 amplia o pensamento concernente à futilidade da idolatria: **Ela, pois, não reconhece que eu lhe dei o grão, e o mosto, e o óleo e lhe multipliquei a prata e o ouro, que eles usaram para Baal**. A ironia estava em dar a própria base da riqueza da nação (trigo, vinho e óleo [cf. ARA] em troca por prata e ouro) para os baalins. As pessoas usavam as riquezas pessoais na fabricação do ídolo e na manutenção da adoração a Baal. O pecado de ignorar o autor das bênçãos de Israel ficava mais sério ao desperdiçar os próprios recursos dados por Deus. **Baal** não quer dizer uma divindade específica, mas é uma expressão geral para referir-se a todos os ídolos (cf. 1 Rs 14.9: "outros deuses").

Por causa da perfídia de Israel, Oséias descreve que Jeová toma de volta os recursos que Ele dera. **Portanto, tornar-me-ei e, a seu tempo, tirarei**[19] **o meu grão e o meu mosto, no seu determinado tempo; e arrebatarei**[20] **a minha lã e o meu linho, com que cobriam a sua nudez** (9).

Deus justifica as punições pelo tratamento injusto por que passou (6-8) e avisa que Israel perderá as bênçãos que Ele concedeu. A comida seria arrebatada da boca dos israelitas e o copo dos seus lábios. Também seriam tomados a **lã** e o **linho**, a matéria-prima para a confecção de roupas, a fim de deixar Israel na **nudez**, ou seja, na pobreza abjeta. A profecia não declara se a tragédia ocorreria na forma de invasão ou seria proveniente de causas naturais, mas em todo caso seria súbita. O julgamento se daria na condição de calamidade inesperada **no seu determinado tempo**.

Nos versículos 10 a 13, Oséias faz uma lista dos castigos que se abateriam sobre Israel por causa de suas idolatrias. No versículo 10, há a vergonha da exposição **diante dos olhos dos seus namorados**, e a incapacidade de estes salvarem Israel. "E nenhum homem a salvará da minha mão" (Phillips; cf. NVI). **Vileza** (hb., *navluth*) significa "negligência", "relaxação" ou "estado sem viço". Nem seus ídolos, nem os assírios ou os egípcios livram os israelitas. Ninguém é capaz de salvá-los da ira de Jeová, o "marido" contra quem pecaram.

O **gozo** de Israel cessará junto com as **festas** e os **sábados** (11). As festividades hebraicas eram ocasiões em que as famílias se uniam em peregrinação aos santuários sagrados. Mas eram mais que ocasiões religiosas; eram tempos de prazer e alegria ruidosa. [21] Israel também perderia o produto da terra e enfrentaria a fome. A terra ficaria desolada como um **bosque** (12) e infestada de **bestas-feras**, para indicar o despovoamento e o exílio. Desta forma, Israel seria violentamente separado dos objetos sobre os quais disse: **É esta a paga que me deram os meus amantes**.

Os **dias de Baal**[22] (13; ou "baalins", NVI) eram as datas sagradas que Deus mandou que mantivessem santificadas perante Ele, mas que as transformaram em celebrações aos ídolos. Não há base para crer que havia ocasiões especiais de festa peculiares à adoração de Baal. A segunda frase: Israel **se adornou dos seus pendentes e das suas gargantilhas**, lida com os modos afetados de uma mulher pelos quais ela incitava a admiração de seus amantes (cf. Jr 4.30; Ez 23.40). Phillips expressa o significado do versículo 13 graficamente: "E farei com que ela pague pelos dias de festa aos baalins, quando ela queimou incenso em honra a eles, e se enfeitou com seu anel e com todas aquelas jóias, e procurou seus amantes e se esqueceu de mim, diz o Senhor". Mas mesmo no julgamento de Deus há uma ternura. Percebemos o "mas" da compaixão. O pecado de Israel dizia respeito a esquecer o Senhor, a verdadeira fonte de sua salvação.

2. *O Amor Redentor de Deus* (2.14-23)

Alguns profetas consideram que o período do deserto é tempo de união feliz entre Israel e seu esposo, Jeová. Embora Deus esteja disposto a permitir que o julgamento entre em ação, Ele não está propenso a abandonar Israel. Este é o verdadeiro amor! **Portanto, eis que eu a atrairei** (14, irei e a seduzirei; cf. NTLH), **e lhe falarei ao coração**. Deus demonstrará seu amor de esposo novamente a Israel e a levará **para o deserto** para uma segunda "lua-de-mel".[23] Portanto, da linguagem da severidade, surge uma nota de estranha ternura.

E lhe darei as suas vinhas dali (15). As vinhas pertenciam legalmente à esposa fiel, Israel. Elas tinham sido tomadas (12), mas seriam devolvidas. O **vale de Acor** situava-se ao norte de Gilgal e Jericó (Js 7.26; ver mapa 2). As vinhas e os vales férteis foram as primeiras porções da promessa de restauração de Deus. Desta forma, o **vale de Acor** se tornará **porta de esperança**. Aqui estão duas idéias colocadas em combinação uma com a outra: adversidade e esperança. Ao entrar na Terra Prometida, Israel pecou em Acor (cf. Js 7.20-26; Is 65.10). O lugar da adversidade agora seria ocasião de esperança.

Morgan observa que "é esta conexão entre adversidade e esperança que revela Deus. É a relação entre a lei e a graça. A lei gera adversidade em resultado do pecado. A graça gera esperança através da adversidade".[24]

E, naquele dia, farei por eles aliança (18). Temos agora um nítido tom escatológico. Claro que Oséias estava familiarizado com o texto de Gênesis 3 e a maldição do Senhor sobre a serpente e a terra. Também estava ciente de que o julgamento de Deus ainda jazia sobre a sua criação (cf. Rm 8.19-21).

E, naquele dia, o concerto de Deus com os animais imporá a obrigação de não ferir mais o homem. A profecia alista as três classes da vida animal que oferecem perigo aos homens (cf. Gn 9.2): as **bestas-feras do campo** (18) em oposição aos animais domesticados; as **aves do céu** (aves de rapina); e os **répteis** (hb., *remes*) **da terra**. (*Remes* não quer dizer "répteis", mas pequenos animais que se movem rapidamente.)

Jeová acabará com os perigos da guerra: os instrumentos bélicos, o **arco** e a **espada**, e a própria **guerra**. A promessa também é dada em Levítico 26.3-8 e ampliada em Ezequiel 34.25-28 (cf. Is 2.4; 35.9; e Zc 9.10).

Oséias é o primeiro dos profetas a prever que a conseqüência do plano de Deus é um casamento com Israel. Aqui, antecipa aquele dia da consumação gloriosa. **E desposar-**

te-ei comigo para sempre; desposar-te-ei comigo em justiça, e em juízo, e em benignidade, e em misericórdias. E desposar-te-ei comigo em fidelidade, e conhecerás o SENHOR (19,20). A palavra hebraica traduzida por **em** representa a idéia de trazer um dote. Neste casamento, a noiva não traz qualquer objeto. Jeová é a fonte de tudo. É Ele que oferece **justiça** e **juízo** ("retidão", BV; NVI), os quais são elementos nobres de um verdadeiro casamento. Deus também oferece a Israel sua **benignidade** e **misericórdias**. Ainda que **benignidade** não abranja todo o significado da palavra *amor* (*chesed*; ver Introdução), é certo que neste contexto signifique "gratidão", "lealdade" ou dependência humilde da parte de Israel. Do lado de Deus, *chesed* implica em lealdade, característica sugerida por suas **misericórdias**, **benignidade** e, acima de tudo, por sua **fidelidade** (20).

Com a união proposta, a qual durará **para sempre**, Israel virá a conhecer o **SENHOR** (20; ver Introdução). Este conhecimento não é meramente cognitivo. Trata-se de uma relação pessoal e viva – uma comunhão de Jeová com seu povo (como o marido com a esposa). Martin Buber observa: "No livro de Oséias, esta última palavra 'conhecer' é o exato conceito de reciprocidade na relação entre Deus e o povo. Aqui, *conhecer* não significa a percepção de um objeto por um sujeito, mas o contato último dos dois parceiros numa ocorrência de dois lados".[25]

Os últimos três versículos do capítulo 2 lidam com a consumação do casamento entre Jeová e Israel. Tudo depende de Deus. No dia do noivado, Deus responderá aos **céus** (21) com suas bênçãos. "Os céus responderão à terra que pergunta; a terra que recebe a chuva responderá ao campo, à videira e à oliveira que pedem umidade; e todos estes responderão a Jezreel ('Deus semeia'), ao pedir seus produtos como meio de subsistência e vida". [26]

Embora os céus fossem como "bronze" e a terra como "pó", agora eles produzirão e a terra responderá. Outrora Deus ameaçara tomar o **grão** (8; "trigo", ARA) e o **óleo;** agora ele os dará livremente. Por conseguinte, Israel passa a ser o povo que "Deus semeia" e não o que ele espalha, como em 1.4. O paralelo tem prosseguimento no versículo 23. A semeadura continua, e **Lo-Ami** ("não meu povo") se torna **meu povo** a quem Deus abençoará, protegerá e sustentará. Em reação a estas bênçãos, o povo responderá segundo a relação de concerto renovado: **Tu és o meu Deus!**

O divórcio é revertido. O povo tem de se conscientizar novamente do amor do concerto (*chesed*) e desfrutar a comunhão originalmente esperada por Jeová no Egito. A iniciativa desta obra salvadora e redentora é inteiramente de Deus, mas a resposta deve ser do homem em desejosa obediência ao chamado divino. "O Senhor pode atrair o homem com cordas de amor, mas, no fim, estas se romperão se o homem não obedecer ao puxamento e aproximação de Deus".[27]

O capítulo 2 é um simbolismo satisfatório acerca da relação de concerto que o homem tem com Deus. Observe: 1) A natureza do concerto: uma relação matrimonial, 19a; 2) A duração do concerto: para sempre, 19b; 3) A maneira do concerto: em justiça e juízo, 19c; 4) A finalidade do concerto: conhecimento e comunhão, 20.

No capítulo 3, Oséias volta a referir-se à sua tragédia pessoal e doméstica. Gômer abandonara o marido em busca de seus amantes. Este breve *ensaio* autobiográfico torna-se a chave para o profeta entender a compaixão de Jeová. Por seu procedimento, foi-lhe mostrado como Deus cumpriria sua promessa. Se no coração e na alma de Oséias há a

disposição de amar uma mulher indigna de seu amor, então há disposição semelhante no Criador do profeta de amar uma nação que não é digna do amor divino.

C. Os Procedimentos de Oséias com Gômer, 3.1-5

1. *A Experiência do Profeta* (3.1-3)

E o SENHOR me disse: Vai outra vez, ama uma mulher, amada de seu amigo e adúltera, como o SENHOR ama os filhos de Israel, embora eles olhem para outros deuses... E a comprei para mim (1,2).

O texto não sugere que Oséias procurasse uma segunda esposa. Mas ao perceber o amor sofredor de Deus, ele tinha de sair em busca de Gômer, que agora era adúltera **amada de seu amigo** ("uma amante", NTLH). **Bolos de uvas** (1) – "bolos de passas" (ARA; NTLH; ECA), ofertas feitas aos baalins nas festas da vindima (cf. Jr 7.18).

Há um paradoxo no versículo 1 no fato de Israel, embora adúltero, ser o amado de Jeová (1). O amor divino se desgastara, ainda que não tivesse acabado. Foi esse amor exaurido que tornou possível a reconciliação.

De quem Oséias comprou Gômer? Ele a comprou de um bordel, ou do homem com quem ela vivia, ou do senhor do mercado de escravos, o supervisor desse tipo de prostitutas [28] que participava de cultos a Baal?[29] A última opção é a resposta mais convincente.

Ainda que a Bíblia não declare explicitamente, sabemos que Oséias comprou Gômer pelo preço de escravo. Um **ômer** e **meio** de **cevada** (cerca de 436 litros) valia aproximadamente 15 peças de prata. O valor deste produto da terra mais as **quinze peças de prata** em espécie davam o preço de um escravo, ou seja, 30 peças de prata.

Tu ficarás comigo muitos dias; não te prostituirás, nem serás de outro homem; assim quero eu ser também para ti (3). Gômer estava física e espiritualmente impura quando foi levada para casa pelo marido. Por isso, por certo tempo, foi privada da plena associação conjugal e excluída das relações sexuais. "**Ficarás**" é o equivalente de permanecer quieto: uma disciplina imposta pelo afeto de Oséias por ela com a finalidade de prepará-la para ele. A expressão: **assim quero eu ser também para ti** só pode significar que ela seria restabelecida completamente ao seu lugar na casa.

2. *A Mensagem de Deus para Israel* (3.4,5)

Nos versículos 4 e 5, encontramos um paralelismo entre Jeová e Israel. **Porque os filhos de Israel ficarão por muitos dias sem... Depois, tornarão os filhos de Israel** (4). Os objetos tomados de Israel são apresentados no formato de três pares: **rei** e **príncipe**, **sacrifício** e **estátua** (monumento) e **éfode** e **terafins** (meio de conhecer o futuro).[30] Estes são elementos de governo civil, adoração religiosa e profecia.

Os versículos 3 e 4 ressaltam novamente a grande analogia de Oséias. Estar sem **rei** ou sacerdote ("qualquer outro chefe", NTLH; "líder", NIV) era estar sem o representante de Deus diante do povo (o sacerdócio sempre representava autoridade delegada sob as ordens do "direito divino" dos reis). "Estar sem rei era estar fora de contato com o deus que a pessoa servia, como uma mulher fechada sozinha num quarto não podia ter contato físico com seu marido".[31]

O **sacrifício** era "meio de graça". Nos dias de Oséias, a **estátua** (ou "coluna", ARA; cf. NTLH) ainda era aceita (contudo, ver Dt 16.22). É óbvio que os **terafins** também eram aceitos, embora, em uma geração mais tarde, fossem proibidos na reforma de Josias (2 Rs 23.24).

As últimas palavras do capítulo 3 retratam o Senhor a esperar o retorno humilde dos israelitas depois do julgamento e castigo. Ele está certo de que as "adversidades" os farão voltar, arrependidos, dos ídolos ao Deus vivo (2.15).

A predição do versículo 4 se cumpriu quando Israel foi levado pelos assírios (722-721 a.C.). No versículo 5, Oséias prediz que, **depois, tornarão os filhos de Israel e buscarão o SENHOR, seu Deus, e Davi, seu rei; e temerão o SENHOR e a sua bondade, no fim dos dias**.

Esta seção, como o capítulo 1, encerra-se com uma promessa messiânica adicionada ao tema autobiográfico (depois do capítulo 3, Oséias não menciona mais sua família). Na interpretação de Keil, esta passagem sugere que a volta de Israel ao Senhor não pode ocorrer sem a volta a **Davi, seu rei**, ou à reunião com Judá, visto que Davi é o único verdadeiro rei de Israel. O Messias tem de ser como Davi é para o "Israel de Deus". A volta aconteceria somente **no fim dos dias** (*acharith hayyamim*), o futuro final do Reino de Deus, que começa com a vinda do Messias (cf. Gn 49.1,10; Is 2.2).[32]

Oséias prevê que os filhos de Israel **temerão o SENHOR** (*pachadel Yahweh, i.e.*, tremerão ou estremecerão diante do Senhor). O povo voltaria e se achegaria com reverência respeitosa diante da santidade de Deus na consciência da própria pecaminosidade. Assim, a aflição tinha o propósito de dirigir os israelitas ao Senhor, e com penitência tinham de esperar por **sua bondade**.

O capítulo 3 é muito expressivo acerca do imponente amor de Deus. Esta exposição lidaria com o tema assim: 1) A extensão do amor de Deus, 1; 2) A disciplina do amor de Deus, 3; 3) Os resultados do amor de Deus, 5. Ou, talvez, desta forma: 1) O amor é profanado, 1; 2) O amor é ampliado, 3; 3) O amor é aceito, 4; 4) O amor é cumprido, 5.

Seção II

O PECADO DE ISRAEL

Oséias 4.1—13.16

A. A Infidelidade de Israel e sua Causa, 4.1—6.3

No esforço de equilibrar a profecia, Oséias abandona a interpretação de sua tragédia pessoal no capítulo 3, a fim de tratar das implicações para Israel. Seus *insights* revelaram um Deus que amava Israel intensa e fortemente, embora visse a natureza fatal da corrupção de seu país. Por isso, empregou os mais prementes argumentos convincentes para Israel voltar, a fim de ser salvo, ao mesmo tempo em que lhe anunciava sua destruição inevitável.

1. *A Controvérsia do Senhor* (4.1-19)

Como em 2.2, os israelitas são conclamados a participar de uma contenda com o Senhor (cf. Is 3.13; Jr 2.9; 25.31). **Ouvi a palavra do SENHOR, vós, filhos de Israel, porque o SENHOR tem uma contenda com os habitantes da terra, porque não há verdade, nem benignidade, nem conhecimento de Deus na terra** (1).

Três palavras-chave analisam a natureza da condenação de Israel. **Não há verdade** (*emeth*). Visto que não é suficiente saber o que é certo, mas entregar-se ao que é autêntico, o termo "fidelidade" é melhor (BV; NIV). Esta virtude está freqüentemente associada à **benignidade** (*chesed*), a qual, em vários contextos, tem o sentido de amor (cf. ARA; ECA; BV), bondade (cf. NTLH) ou amor de concerto. Ambos os termos estão relacionados com o **conhecimento**, já que são o fruto do **conhecimento de Deus** (cf. Is 9.9; Jr 22.16). Novamente, o **conhecimento de Deus** acha-se na comunhão e não na cognição intelectual. É pela **verdade** e pela **benignidade** (misericórdia) que é possibilitado o **conhecimento de Deus**. A ausência de tal conhecimento na terra também indi-

cava ignorância e negligência com a lei. Estas três palavras importantes vão direto ao cerne da mensagem de Oséias. Fidelidade, amor e conhecimento estão no centro da análise da situação difícil de Israel e do ideal de comunhão desejado por Deus (cf. 2.19,20; 4.6; 5.4-7; 6.3,6; 10.12; 11.3,4,12b; 12.6).[1]

As acusações de Deus contra o **perjurar** e o **mentir** (2) mostram a decadência do ambiente religioso e social de Israel. (O verbo hebraico *alah*, "jurar", quando em combinação com o termo *kichesh*, fala de falso juramento; cf. BV.) Além destas acusações, havia o **matar**, o **furtar** e o **adulterar**. "Há arrombamentos" (ARA), ou seja, os israelitas traspassam todos os limites do pecado (cf. NVI). **Homicídios** (*damin*) indicam sangue derramado com violência, um crime capital.[2] **Homicídios sobre homicídios** – para significar que um assassinato ocasionava a represália (cf. NVI) até que se transformava em uma doença contagiosa entre o povo de Israel. Pecado gera pecado. Cinco dos Dez Mandamentos foram quebrados na depravação de Israel, isto é (pela ordem de citação), o terceiro, o nono, o sexto, o oitavo e o sétimo.

Por isso, a terra se lamentará (3); uma vez mais o sofrimento da natureza está relacionado com o pecado do homem. Até a criação inanimada sofreu com a depravação moral dos israelitas. O lamento da terra, a fraqueza dos **animais**, **aves** e **peixes** eram o resultado natural da seca no reinado do rei Acabe (1 Rs 17.1-7). A sequidão pode ter continuado por muito mais tempo durante a idolatria ininterrupta do povo (Am 1.2; 8.8). A Natureza sofreu porque Israel pecou.

a) *A responsabilidade dos sacerdotes* (4.4-11). **Todavia, ninguém contenda, nem qualquer repreenda; porque o teu povo é como os que contendem com o sacerdote** (4). Este versículo, uma cláusula interposta, indica que argumento e reprovação são inúteis por causa da obstinação e pertinácia irremediável das pessoas. Pode ser que um teria gostado de culpar o outro; contudo, o direito de repreensão pertencia ao sacerdote e até a liderança religiosa era má em suas ações. Outra interpretação [3] dá um sentido diferente: Não cabe aos seres humanos contender, visto que se trata da controvérsia de Deus. O Senhor proibiu o homem de falar em seu nome. Ele sozinho pleiteará sua causa. "Não desperdices teu tempo em recriminações mútuas, pois minha contenção é contigo, ó sacerdote" (ATA).

Os que contendem com o sacerdote (4) – para denotar, talvez, que o povo perdera a confiança na liderança religiosa a ponto de discutir com os sacerdotes.

O quadro nos versículos 4 a 10 é uma descrição vívida de um sacerdócio degenerado, que desencadeará julgamento da mão de Deus. **Dia** e **noite** (5) não indica julgamentos separados ou especiais, mas que, a qualquer momento, o sacerdote e o profeta cairiam sob as garras do julgamento. A frase final: **E destruirei a tua mãe**, anuncia a destruição da nação inteira (cf. 2.2). O **sacerdote** e o **profeta** estão sob condenação especial por não terem compartilhado o conhecimento de Deus com o povo. Na realidade, longe de compartilharem, eles tinham rejeitado tal **conhecimento** e Deus lhes rejeitaria o ofício. "Eu vos rejeito de me serem sacerdotes" (6, Phillips; cf. NVI).

A acusação terrível contra o sacerdócio continua. Os sacerdotes não são dignos do ofício, e sua **honra** ("glória", BV; NTLH) será mudada em **vergonha** (7). O **pecado do meu povo** (8) se refere à oferta pela transgressão: a carne do animal sacrificado, oferecido para tirar o pecado. Embora fosse legítimo comer a oferta sacrifical, a transgressão

dos sacerdotes foi desejar o aumento dos pecados do povo para que tivessem abundância na provisão de carne. "Eles se alimentam dos pecados do meu povo e lambem os lábios com a culpa vindoura" (Phillips).

Há pouco a escolher entre o sacerdote e o povo. **Como é o povo, assim será o sacerdote** (9). O sacerdócio sofrerá como o povo (cf. 3,5). Deus castigará os sacerdotes da mesma forma que o povo comum é castigado, e lhes dará a **recompensa das suas obras**. O castigo está simbolizado no versículo 10. Os sacerdotes continuarão nos seus deleites e prostituições com o culto de Baal, mas não ficarão satisfeitos nem desfrutarão a bênção de ter filhos, pois cometem práticas imorais com as prostitutas cultuais. Será assim **porque deixaram de olhar para o SENHOR** (10). Eles se esqueceram de Deus. É como se o Senhor não entendesse a infidelidade deles, ou talvez compreendesse tudo muito bem: "[A prostituição], o vinho velho e o vinho novo acabam com o coração e a mente e o entendimento *espiritual*" (11, ATA; cf. ARA; NVI). Libertinagem e álcool lhes enfraqueceram a sensibilidade.

b) *A responsabilidade do povo* (4.12-14). Agora o profeta passa a tratar do povo:[4] **O meu povo consulta a sua madeira** (12). O povo escolhido de Deus pedia conselho a um pedaço de madeira (prática chamada *rabdomancia*) e buscava predizer o futuro com uma **vara**. Esta era conseqüência da falsa adoração que faziam – a idolatria. Também tinham voltado a sacrificar nos **cumes dos montes** e a queimar **incenso** debaixo de árvores. Nesta forma de idolatria, suas **filhas** se prostituíam e até as **noras** eram culpadas de adultério.

Eu não castigarei vossas filhas (14) não sugere que elas ficarão impunes mesmo após se prostituírem e adulterarem. Significa que, em vez da ação direta de Deus, o pecado será punido com mais pecado. "O adultério espiritual de pais e maridos seria punido pelo adultério carnal de filhas e esposas".[5] Keil tem opinião diferente, ao sugerir que Deus não puniria as filhas e as noras, porque seus pais "fizeram ainda pior. 'Era tão grande o número de prostituições que toda a punição cessou na desesperança de qualquer correção' (Jerônimo)".[6] **Pois o povo que não tem entendimento será transtornado**. A nação afundara tanto no pecado que não havia esperança e tinha de perecer. **Será transtornado** quer dizer será lançado impetuosamente na destruição; "cairá em ruínas" (cf. NVI; ARA; Pv 10.8,10).[7]

c) *Aviso para Judá* (4.15-19). Estes versículos são uma advertência para Judá não seguir Israel. **Se tu, ó Israel, queres corromper-te, não se faça culpado Judá** (15). **Gilgal** e **Bete-Áven** (Betel) eram os dois principais santuários que ficavam no sul de Efraim; portanto, de fácil alcance para os filhos de Judá. Oséias ironicamente substituiu Betel (casa de Deus) por **Bete-Áven** (casa de iniqüidade). Judá ficaria escandalizado em fazer peregrinações aos centros de adoração idólatra. Não era compatível ir ao local de idolatria, **Gilgal**, e jurar: **Vive o SENHOR**. Embora o juramento deste tipo fosse ordenado em Deuteronômio 6.13 e 10.20, contudo esta contrição tinha sua base no "temor do Senhor" e não na prática de idolatria. Oséias adverte contra a hipocrisia e a pseudodevoção.

A razão para avisar Judá é apresentada em outra descrição de Israel (16-19). O povo é tão intratável quanto **uma vaca rebelde** (16; "vaca brava", NTLH). Algumas versões bíblicas colocam corretamente a última metade do versículo 16 na forma de pergunta:

"Será que o SENHOR o apascenta como a um cordeiro em vasta campina?" (ARA; cf. NVI). Não! **Efraim está entregue aos ídolos; deixa-o** (17). Israel está tão ligado aos ídolos que não há esperança. O longo apego ao pecado tornou a reconciliação impossível. Porém, interpretar esta passagem como se Deus fosse abandonar totalmente Israel não é consistente com o último ensino do profeta. Em outras partes de seu livro, Oséias fala sobre "o vale de Acor, por porta de esperança" (2.15), e o grande brado de Deus: "Como te deixaria, ó Efraim?" (11.8; cf. NTLH; NVI; ver tb. 14.4,8). G. Campbell Morgan acredita que o versículo 17 era "a palavra do profeta para os leais não terem cumplicidade com os desleais. Era a palavra de advertência àqueles que em maior proporção ainda mantinham uma certa comunhão com Deus, a fim de não porem em perigo a própria segurança, ao entrarrem em contato com Efraim"[8] **Ídolos** – "idolatria é a adoração de falsas representações de Deus".[9]

A sua bebida se foi (18) significa que eles ficaram desamparados por terem bebido. A intoxicação os levou a **corrompem-se** (cf. "eles se entregam à prostituição", ARA; ECA) **cada vez mais**. Os **príncipes** (os protetores do povo) chegaram a ponto de amar a **vergonha**. "Amam a vergonha mais que a glória" (VBB; *cf.* BV).

A conclusão no versículo 19 é inexorável. **Um vento os envolveu nas suas asas** (19). O **vento** é a invasão assíria que Oséias vê no horizonte. A destruição de Israel é certa. Sua vergonha se arrojará repentinamente sobre o reino como uma tempestade (cf. Sl 18.11ss.). Nem mesmo **seus sacrifícios** livrarão os israelitas.

G. Campbell Morgan sugere que três verdades chamam nossa atenção no capítulo 4: 1) A coisa proibida: a idolatria, 12; 2) A condição descrita: **Efraim está entregue aos ídolos**, 17; 3) O aviso proferido a Judá: **Deixa-o**, 17.

2. *O Aviso do Profeta* (5.1-15)

O capítulo 5 constitui um discurso aos sacerdotes, ao povo e à casa do rei. A escuridão aumenta com a proximidade do dia da repreensão. A consciência de Israel se entorpeceu, sua visão se escureceu, seu testemunho acabou e seu concerto com Deus se rompeu. **Ouvi isto, ó sacerdotes** (1) indica que o discurso foi feito diretamente aos líderes religiosos, mas o povo também é responsabilizado com esta ordem: **Escutai, ó casa de Israel**. Nem os príncipes são isentos da culpa: **E escutai, ó casa do rei**. O **juízo** de Deus trata de todas estas três classes, porque vós **fostes um laço para Mispa e rede estendida sobre o Tabor**. É evidente que a profecia está relacionada com o texto precedente, pois **Mispa** e **Tabor** eram notórios centros de adoração de Baal e **um laço** para Israel. **Mispa** estava situada no lado leste do rio Jordão (Jz 10.17; 11.11,34), ao passo que o **Tabor** ficava na extremidade oriental da planície de Jezreel, a oeste do rio Jordão (ver Mapa 2). Os dois lugares eram fortalezas com função militar onde os príncipes da **casa do rei** e os **sacerdotes** apóstatas "exerciam sua influência mortal sobre as pessoas, ao armarem armadilhas contra elas como os pássaros e animais são enganados nas montanhas da rapina (cf. 6.8,9)".[10]

a) *Deus conhece Efraim* (5.1-7). O texto menciona dois modos de apanhar pássaros e animais: **laço** e **rede** (além de "armadilha", se considerarmos a primeira parte do v. 2 na RSV; BV). Estes representam a maneira na qual as seduções mascaravam a idolatria. Na primeira metade do versículo 2, o original hebraico não está claro, e proporciona a

sugestão de várias interpretações. Parece que Oséias não fala de **matança** de animais para sacrifício, mas até que ponto extremo os **transviados** foram em sua corrupção. A passagem fica mais inteligível com esta tradução: "E eles cavaram uma armadilha funda em Sitim" (RSV; cf. BV), ou esta: "Os revoltosos se afundaram demais na corrupção e matança" (ATA; cf. ECA; NVI).

Não há dúvida sobre a segunda parte do versículo: **Eu serei a correção de todos eles**, ou: "Eu, *o Senhor Deus*, sou uma repreensão e um castigo para todos eles" (ATA). A ameaça prossegue. Por causa da conduta idólatra, a nação será julgada. O versículo 2 serve de introdução para os versículos 3 e 4. Uma vez mais, a profecia identifica que o estado moral de Efraim é a prostituição (3, **te tens prostituído**), condição que separou os filhos de Israel do conhecimento de Deus (4; ver Introdução). Eles não podem voltar a Deus, visto que **não querem ordenar** ("tramar" ou "manobrar") **as suas ações**. "As suas ações não lhes permitirão voltar ao seu Deus; pois há neles um espírito de prostituição que não lhes permite conhecer o Senhor" (VBB). A idolatria monopolizou-lhes o afeto de tal forma que o conhecimento do verdadeiro Deus foi sufocado.

A soberba de Israel testificará, pois, no seu rosto (5). A Septuaginta traduz estas palavras assim: "A arrogância de Israel será humilhada". Robinson diz que a **soberba** do versículo 5 é uma doença, "um coração enfermo". [11] Israel era arrogante no empenho de rivalizar as forças estrangeiras como se tivesse o direito por ser nação poderosa. A prosperidade de Jeroboão era uma armadilha na qual "a honra nacional tornava-se sinônima de prostituição nacional".[12] A soberba, então, é mais um item na lista de males que separavam Israel de Jeová. Em resultado disso, a nação seria destruída por causa de seu próprio pecado.

Judá cairá juntamente com eles. A arrogância levou Israel a se ressentir com a superioridade de Judá. Este ciúme provocou a rebelião inicial de Jeroboão I. Agora, uma vez mais, a arrogância causaria a queda de Israel, mas Judá também seria envolvido. A profecia do capítulo 5 talvez tenha sido entregue mais tarde que a do capítulo 4, porque há a nova observação da declaração profética relativa ao Reino do Sul. [13]

Há um sentimento de ternura no versículo 6 à medida que os filhos de Israel passam pelos verdadeiros atos de adoração, mas não discernem a verdadeira natureza da experiência e o objeto de adoração. Ir **com as suas ovelhas e com as suas vacas** (6) significa ir com todos os seus sacrifícios (VBB; cf. NVI). Eles irão com coração impenitente; portanto, **ele se retirou deles**.

Aleivosamente (infielmente) **se houveram contra o SENHOR** (7); agir infielmente (*bagad*) é expressão freqüentemente aplicada à infidelidade conjugal. Deus, ao falar como marido, apresenta a segunda frase: **Porque geraram filhos estranhos**; em vez de serem filhos do concerto é uma geração adúltera. A ameaça de julgamento surge novamente: **Agora, a lua nova os consumirá com as suas porções**; ou: "Agora os festivais da lua nova os consumirá e também aos seus campos [ou "plantações", NVI]" (ECA). Isto não significa que a terra seria invada e destruída na "lua nova" ou no próximo mês, mas "qualquer mês podia trazer a ruína a eles e aos seus campos" (Phillips). Keil explica que a "lua nova" é a ocasião festiva na qual se ofereciam sacrifícios (1 Sm 20.6,29; Is 1.13,14); ela representa os próprios sacrifícios. "O significado é este: sua festa sacrifical, sua adoração hipócrita, longe de lhe trazer salvação, comprovará sua ruína". [14] Reynolds acredita que este mês fala da invasão iminente de Tiglate-Pileser (2 Rs 15.29).

Esta incursão devia-se, em parte, à aliança de Acaz com a Assíria contra Peca e Rezim. O envolvimento de Judá pode explicar o comentário no versículo 5: **Judá cairá juntamente com eles.**

b) *Oséias avisa Judá* (5.8-12). Nos versículos 8 e 9, o profeta dá um aviso solene. **Gibeá** e **Ramá** (8; ver mapa 2) situavam-se em cumes de montes, perto da fronteira ao norte de Benjamim, adequadamente situadas para dar este aviso. A **buzina** (*shophar*) era o chifre curvado do carneiro, ao passo que a **trombeta** (*chatsotserah*) era reta, feita de bronze ou prata e usada em ocasiões solenes. (Quanto a **Bete-Áven** ver comentários em 4.15.) O sopro dos chifres indicava a invasão da terra. Visto que **Gibeá** e **Ramá** não eram de Israel, mas de Judá, é provável que a queda de Israel já tivesse acontecido e o inimigo agora se dirigia à fronteira de Judá. **Após ti, ó Benjamim** é frase difícil de interpretar. Talvez seja um brado de batalha e aviso: "O inimigo está atrás de ti *e* ao teu encalço, ó Benjamim (fica atento)!" Esta tradução parece ser compatível com o assunto do versículo.

Os versículos 9 e 10 explicam o versículo 8. **Efraim será para assolação** (9) como sinal da justiça do Senhor e do cumprimento de sua profecia. **Os príncipes de Judá** (10) não são diferentes. Como "ladrões de terra comuns", eles **traspassam os limites**, ou seja, "mudam os marcos" (ARA; cf. NTLH) da fronteira (cf. NVI). Também sobre eles, diz Jeová, **derramarei, pois, o meu furor.**

Israel foi despedaçado pelo julgamento de Deus. A **vaidade** (11, *tzav*) é um estatuto ou ordem humano. Esta palavra ocorre aqui e em Isaías 28.10,13 (traduzida por "mandamento"), onde é empregada como antítese à palavra ou mandamento de Deus.[15] A **vaidade** ou estatuto humano mencionado aqui diz respeito à adoração de bezerros (cf. "deuses falsos", NTLH), o pecado que ocasionou a destruição do reino.

A **traça** e a **podridão** (12) indicam destruição lenta e silenciosa: as traças que se alimentam de roupas (Is 51.8), os bichos que comem madeira e carne. Mais tarde, o Senhor virá **como um leão** (14), mas aqui Ele atua **como a traça**, de maneira silenciosa, lenta e gradual.[16]

c) *O mistério do mal* (5.13-15). Judá e Israel poderiam ter amado Jeová, seu marido, mas preferiam agir contrariamente. O próprio Deus se torna seu Inimigo, ao trabalhar interiormente até que ambas as nações sejam destruídas pela própria "podridão" e, assim, se tornem presa fácil de nações estrangeiras. Ao temer o Egito e conhecer sua própria **enfermidade** (fraqueza), Israel, em vez de se voltar para Jeová, buscou a **Assíria** (13), que mais tarde o destruiu. **Rei Jarebe** (*jarebh*) significa "guerreiro" ou "grande rei" (cf. ECA; NVI). Talvez este fosse um título comumente usado pelos reis assírios.

Se Deus é o Inimigo interior, também é o Inimigo exterior. **Como um leão** (14), usará a mesma nação (a Assíria), para quem Israel e Judá tinham se voltado, a fim de despedaçá-los e destruí-los. Oséias segue Amós, ao declarar que Jeová é o Deus de todas as nações para controlá-las conforme sua vontade e usar o mal que elas têm, a fim de castigar o povo eleito. **Arrebatarei, e não haverá quem livre.** Como o leão se retira para a caverna, assim o Senhor se retira para o seu lugar[17] e "priva os israelitas da sua presença graciosa e cooperadora até que eles se arrependam, ou seja, não só se sintam culpados, mas experimentem a culpa ao serem punidos".[18] Na ausência de Deus não há salvamento possível.

O pensamento é repetido no versículo 15. Deus se retirará até que os filhos de Israel se reconheçam **culpados** e **busquem** a **face** divina. **De madrugada** (15, *shachar*; cf. 6.3) não é usado no sentido de "logo, brevemente", mas no "crepúsculo da manhã".

Numa exposição textual de 5.13, Alexander Maclaren prega sobre "Os Médicos que não Valem Nada": 1) O homem descobre que está doente, 13a; 2) O homem procura por todos os meios a cura, 13b; 3) O modo de Deus curar verdadeiramente, 13c. A conclusão é reforçada pela referência a 6.1.

3. *Desafio ao Arrependimento e à Cura* (6.1-3)

A separação entre a passagem de 6.1-3 e o capítulo 5 é infeliz. Há conexão óbvia entre "irei e voltarei" (5.15) e **vinde, e tornemos** (6.1). Não parece razoável entender que esta seção é o clamor dos israelitas, como interpretam muitos comentaristas. Trata-se do apelo simples de Oséias em nome do Senhor. (Esta interpretação requer uma mudança rápida no pensamento de Oséias, mas tal transição é típica do estilo literário do profeta.) Deus é a fonte de tudo. Foi o Senhor que os despedaçara; será Ele que os curará. **Fez a ferida e a ligará** (1). O avivamento nacional deve acontecer em curto período de tempo, fato figurativamente indicado por **depois de dois dias** e **ao terceiro dia** (2; cf. Lc 13.32,33). Estas palavras não são referência direta à ressurreição de nosso Senhor. Contudo, há intérpretes que as consideram antitipicamente como linguagem que se refere ao Messias, o "verdadeiro Israel" (cf. Is 49.3; Mt 2.15).[19]

O versículo 3 repete que a conseqüência da reconciliação é conhecimento de Deus. **Conheçamos e prossigamos em conhecer o SENHOR**. Este conhecimento não é puramente cognitivo, mas prático. Perseguir ou buscar este conhecimento traz as bênçãos de Deus: **Como a alva, será a sua saída; e ele a nós virá como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra**. Aqui estão duas figuras fascinantes: o crepúsculo da manhã e a chuva renovadora. A profecia vê a saída de Jeová como o amanhecer "que anuncia o dia" e como as chuvas no inverno e na primavera (cf. NVI) – **como a chuva** temporã e como a **chuva serôdia** – que regam a terra. O amanhecer é o precursor dessa salvação (Is 58.8; 60.2), idéia representada pela "chuva serôdia" que molha a terra (Lv 26.4,5; Dt 11.14; 28.12). Oséias fala das primeiras e das últimas chuvas (temporãs e serôdias) como bênçãos do Senhor em relação à obediência e devoção sincera. O cumprimento da promessa se dará pelo Messias (Is 35.6; 44.3; Ez 36.25-28).

B. A Infidelidade de Israel e seu Castigo, 6.4—10.15

1. *O Processo Judicial de Deus contra Israel* (6.4–7.16)

a) *O lamento divino* (6.4-6). Os versículos 4 e 5 mostram o clamor do coração de Deus. Muitos vêem nesta passagem prova de que a penitência de 5.15 a 6.3 é superficial, que Efraim e Judá não mostraram arrependimento sincero. "Fiaram-se no *chesed* de *Yahweh* (Jeová) para que fossem inabaláveis; mas o próprio 'chesed' de BONDADE que tinham durou tão pouco quanto o 'ORVALHO' sob o sol da manhã".[20] **Por isso, os abati pelos profetas; pela palavra da minha boca, os matei** (5). Deus foi forçado a disciplinar sua noiva através dos profetas que enviou para destruir "o estilo de vida dela". Ao

concluir o versículo, Oséias acrescenta: **E os teus juízos sairão como a luz**. Semelhante ao raio do julgamento de Deus que sai para fender o coração. Assim, paradoxalmente, a luz divina traz escuridão.

Porque eu quero misericórdia e não sacrifício; e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos (6). "Eu quero o verdadeiro amor, não o sacrifício; o conhecimento de Deus em lugar de holocaustos" (Phillips; cf. BV). A palavra *chesed*, traduzida por **misericórdia**, é amor por outrem que se revela na justiça e tem sua origem no conhecimento de Deus. Aqui, **misericórdia** significaria a afeição por Jeová, sentimento que Ele almeja na obediência humilde de Israel (cf. NTLH). Os sacrifícios insensíveis para cobrir o pecado são rejeitados como anátema para Deus. Declaração semelhante é dada por Samuel: "Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros" (1 Sm 15.22; cf. Sl 40.7-9; 50.8-15; Is 1.11-17; Mq 6.8).

b) *O fracasso do homem* (6.7-11). Encontramos a antítese do anseio de Jeová na descrição que a passagem de 6.7 a 7.16 faz sobre Efraim e Judá. **Eles traspassaram o concerto** e **se portaram aleivosamente** (infielmente) **contra mim** (7). A expressão de localidade (**como Adão**, *i.e.*, lá no jardim do Éden) destaca o lugar onde ocorreu a quebra do concerto (provavelmente Bete-Áven). **Como Adão** tinha quebrado o acordo com Jeová, seu Deus, assim fizeram eles.

Como exemplos desta infidelidade, o profeta menciona **Gileade**, cidade [21] de malfeitores **calcada de sangue** (8). Gileade era notória pelos seus homicídios (2 Rs 15.25). No versículo 9, Oséias lamenta que, **como hordas de salteadores que espreitam alguém, assim é a companhia dos sacerdotes que matam no caminho para Siquém; sim, eles têm praticado abominações**.

John Mauchline sugere que o texto do versículo 9b deveria vir antes de 9a, para dar a entender que os assassinatos de 9b foram atribuídos aos homens de Gileade mencionados no versículo 8. O sacerdócio, embora culpado de grosseira idolatria, nunca antes fora acusado de assassinato. Por outro lado, se for morte espiritual de que são acusados os sacerdotes, o significado acompanharia a seqüência do texto. Seja como for, os sacerdotes não estão livres de culpa. "Os sacerdotes formam turmas" (BV) como ladrões na estrada de Siquém e pecam contra os adoradores que estão em viagem aos santuários para adorar.[22]

Presume-se que a **prostituição de Efraim** (10) diga respeito à idolatria dos sacerdotes, que teve tão longo alcance, que contaminou a nação. Oséias não se esquece de Judá, a quem também "está determinada uma ceifa" (11, ECA; cf. NVI).

Fundamentado no teor da mensagem, talvez o versículo 11b devesse ser unido a 7.1. Então, o texto ficaria assim: **Quando eu remover o cativeiro do meu povo – sarando eu a Israel, se descobriu a iniqüidade de Efraim**.

O capítulo 6 identifica os recursos de Deus de maneira notável: 1) Deus é a fonte da disciplina espiritual, 1a; 2) Deus é a fonte da reconciliação, 1b; 3) Deus é a fonte do verdadeiro conhecimento, 3.

2. *As Sementes da Destruição* (7.1-16)

Oséias prevê claramente o exílio de Israel (722 a.C.), embora não tenha sobrevivido para ver o acontecimento. Como ele amou Gômer para salvá-la da prostituição, assim

Jeová atrairá para si o povo do seu concerto e curará suas enfermidades (Êx 15.26; Sl 103.3). A "conversa séria" que Oséias teve com sua esposa nos dias do exílio de contato físico sugere, em analogia, a "conversa séria" que Jeová expressou diante da **iniqüidade de Efraim** e das **maldades de Samaria.**[23] No capítulo 7, o profeta acrescenta mais itens à lista de crimes de Israel: **Pois, os cercam as suas obras** (2) más.

a) *Distúrbios internos* (7.1-7). Após a explicação do v. 7.1, há uma lista dos pecados e crimes abertamente cometidos. Predominavam a mentira e os assaltos na estrada, visto que os homens **não dizem no seu coração que eu me lembro de toda a sua maldade** (2).

Com a sua malícia alegram ao rei (3). Ele é culpado porque os pecados do povo o divertem e entretêm a corte. Certos comentaristas sugerem a leitura: "Em sua maldade eles ungem reis", indicativo da alegria pela posse de um novo rei viabilizado mediante intrigas (cf. 2 Rs 15.8-15). O texto do versículo 4 é difícil e muitos acreditam que foi copiado incorretamente, embora revele a corrupção daqueles dias. As pessoas são incrédulas e infiéis às relações do concerto. Preste atenção nesta paráfrase do versículo 4: "Todos são adúlteros; como o forno do padeiro, que está sempre aceso – a não ser quando ele amassa o pão e deixa fermentando – assim essas pessoas estão sempre fervendo de sensualidade" (BV).

No versículo 5, o profeta fala daqueles que embebedam o rei que de nada desconfia, quando ele se reúne com os **escarnecedores** (os conspiradores) no dia das festividades. O **dia do nosso rei** fala provavelmente da comemoração anual da coroação. Ironicamente, a embriaguez do rei prepara o caminho para o seu próprio assassinato.

O versículo 6, embora relacionado com os **príncipes** do versículo 5, retoma a figura do forno: **Porque, como um forno, aplicaram o coração, emboscando-se**. Declaram lealdade ao rei, mas esperam até o momento oportuno. O plano secreto lhes queima o coração durante **toda a noite**. E pela manhã, incendeia **como fogo de chama** no assassinato do rei. Regicídio após regicídio (cf. 2 Rs 15).

Embora a miséria do reino fosse extrema, **ninguém entre eles há que me invoque** (7). "Ninguém procurava o verdadeiro remédio e clamava por Jeová, pois a capacidade do arrependimento em si acabara".[24]

b) *Hesitação e fraude* (7.8-16). **Efraim com os povos se mistura** (8). Aqui, a idéia de misturar-se com as nações não se refere ao exílio, mas é o tipo de entrosamento no qual as dez tribos aprenderam as obras dos pagãos e serviram seus ídolos. Por causa desta situação, eles eram **um bolo que não foi virado**. A figura incisiva diz respeito a pão assado sobre pedras em brasa ou cinzas. Caso não fosse virado, o pão ficava queimado de um lado e cru do outro, e para nada prestava. Os israelitas apóstatas serviam apenas para serem rejeitados.

A acusação continua no versículo 9: **Estrangeiros lhe devoraram a força, e ele não o sabe; também as cãs se espalharam sobre ele, e não o sabe**. Indicações visíveis de idade avançada em Israel são indícios de ruína veloz; e a nação israelita ignorava tudo isso.

A **soberba de Israel** (10) se refere ao seu comportamento arrogante e é repetição de 5.5 (ver comentários nessa passagem).

Em conseqüência disso, **Efraim é como uma pomba enganada, sem entendimento; invocam o Egito, vão para a Assíria** (11). Ao voejar como uma pomba perdida, Efraim titubeia com seus pedidos de ajuda entre o Egito e a Assíria. Porém, durante todo o tempo Israel não percebeu que caíra no poder da Assíria pela **rede** (12) de Jeová. Deus usava esta poderosa nação como meio de julgamento contra seu povo, **conforme o que eles têm ouvido na sua congregação** (*i.e.*, de acordo com os avisos já constantes na lei: Lv 26.14-44; Dt 28.15-68).

Ai deles, porque fugiram (voaram) **de mim** (13). **Fugiram** (*nadad*), verbo que é aplicado ao vôo dos pássaros, lembra as figuras da pomba nos versículos 11 e 12. **Eu os remi, mas disseram mentiras contra mim**, e agora não vou remi-los de novo. [25]

Nos versículos 14 a 16, Oséias continua a descrever a situação difícil de Israel em face do julgamento. **E não clamaram a mim com seu coração, mas davam uivos nas suas camas** (14). O Senhor acusa os israelitas de hipocrisia; o clamor não vinha do coração. Depois de clamar no aperto da situação difícil, **para o trigo e para o vinho** eles afluem em multidão (*hithgorer*) e **contra mim se rebelam**. O significado foi parafraseado assim: "Adoram deuses estranhos, para pedirem boas colheitas e muitas riquezas" (BV).

O Senhor não fala apenas de castigo, mas de instrução e ajuda em vista do **mal contra** Ele (15). Deus lhes ensinou e fortaleceu os **braços**, ou seja, instruiu-os e lhes deu poder para lutar e obter vitórias sobre os inimigos. A linguagem alegórica do versículo 16 resume a atitude fraudulenta da nação. [26] O **arco enganador** é um instrumento no qual o arqueiro não confia. Assim Deus não acredita em Israel. A **violência da sua língua** alude às mentiras que proferiram. Por causa da queda dos **príncipes** os israelitas foram escarnecidos na **terra do Egito**. Foram ridicularizados porque tinham se vangloriado de serem fortes, mas caíram diante da Assíria. [27]

O julgamento de Deus sobre o pecado de Israel serve para fazer uma exposição inspiradora: 1) O conhecimento de Deus, do pecado, 2; 2) O impulso mortal do pecado, 9; 3) A autocondenação do pecado, 10; 4) A falsidade do pecado, 16; 5) A redenção de Deus rejeitada, 13; 6) O julgamento de Deus sobre o pecado, 12.

3. *Israel sob Sentença* (8.1—9.17)

a) *A apostasia da nação* (8.1-14). O capítulo 8 começa com uma declaração do inimigo, o qual executará o julgamento divino em Israel. Em hebraico, a primeira frase é uma exclamação sem verbo. A convocação de Jeová é dirigida ao profeta: **Põe a trombeta à tua boca** (1). Ele deve tocar o aviso. Esta é a "brevidade da urgência" (cf. 5.8).[28] A segunda frase dá a mensagem a ser entregue: **Ele vem como águia** ("urubus", BV; abutre) **contra a casa do SENHOR, porque traspassaram... a minha lei**. O profeta tem de fazer o papel de "atalaia" (Ez 33.2b, 3), ao repetir as acusações contra Israel em vista dos invasores (os assírios).

Deus faz duas acusações. Primeiro, os israelitas **traspassaram o meu concerto**. Eles quebraram o contrato original, o acordo nupcial. Declararam que não eram mais de Jeová. Segundo, **se rebelaram contra a minha lei**, quer dizer, cometeram o pecado da desobediência e da infidelidade. As acusações são particularizadas no versículo 4.

As frases nos versículos 2 e 3 são dadas em *staccato*. O clamor de Israel no versículo 2 é um arquejo sem expressão vocal ordenada, e a resposta de Deus no versículo 3 é da

mesma forma curta e urgente. Apesar da acusação divina, o povo brada: **Deus meu! Nós, Israel, te conhecemos** (2). Esta tradução sucinta é apoiada por Keil: "Meu Deus, nós te conhecemos, nós, Israel!" [29], a fim de revelar surpresa por Deus não os identificar como seu povo. O mero nome **Israel** prova que eles pertencem a Jeová? Deus responde que não; não basta! O fato por si só não salva. Por quê? Porque **Israel rejeitou o bem** (3). Arbitrariamente, **fizeram reis** (4) e **príncipes**. Eles **fizeram ídolos para si** (5) de **prata** e de ouro na forma de bezerros, uma abominação aos olhos do Senhor.

R. F. Horton nos lembra que "durante 253 anos Israel teve 18 reis de dez famílias diferentes e nenhuma delas chegou a um fim que não fosse por morte violenta. A sucessão rápida de usurpadores nos últimos anos era o mergulho final de uma carreira desastrosa". [30] A acusação no versículo 4 indica que a "eleição carismática dos reis dera lugar a planos secretos e políticas do suborno". [31] **O teu bezerro, ó Samaria, foi rejeitado** é traduzido por "o teu ídolo-bezerro é repugnante, Eu o rejeitei" (ATA). Matthew Henry observa que "Deus nunca rejeita ninguém até que Ele seja rejeitado primeiro". [32] A palavra **bezerro** talvez seja um diminutivo sarcástico para referir-se a "touro". Samaria, a capital de Israel, se afastara de Deus. Agora Deus a rejeita. Knight sugere que o versículo 5 poderia ser traduzido assim: "Teu bezerro fede, ó Samaria. Que *ersatz* ou substituto pobre para o Deus vivo é um bezerro!"[33]

Jeová brada: **Até quando serão eles incapazes de alcançar a inocência?** (5). Considerando que a idolatria era prostituição, a inocência era pureza. O "Deus que sofre" clama contra a infidelidade de Israel, "da mesma forma que Oséias conhecera a dor pela infidelidade de sua esposa".[34]

A profecia prossegue para anunciar que **em pedaços** (hb., "lascas", "estilhaços") **será desfeito o bezerro de Samaria**. Não é de Deus; foi **um artífice** que **o fez** (6; cf. Êx 32.20).

O versículo 7 representa o clímax e o tema do capítulo 8: **Semearam ventos** e colheram **tormentas** (cf. Gl 6.7). "As fontes da vida nacional secaram e o povo não vale coisa alguma entre as nações". [35] Os **ventos** – a paixão e a deslealdade do pecado – provocam as **tormentas** da destruição nas colheitas e nos campos e pela invasão dos assírios – **estrangeiros** que os devoram. Oséias declara que o mundo é um universo moral no qual o pecado precisa ser julgado.

O fato de Israel ser **devorado** o torna um recipiente imundo (8). O versículo não fala tanto do exílio como da nação que já foi menosprezada **como coisa em que ninguém tem prazer**. Eles mesmos prepararam esta condição. **Porque subiram à Assíria, como um jumento montês, por si só** (9). Parece que o **jumento montês** é um trocadilho em hebraico para aludir a *Efraim*. **Subiram à Assíria** não é menção ao exílio, mas tem esta tradução: "Israel foi para Assur como um jumento montês vai sozinho por conta própria".[36] **Mercou Efraim amores**, ou seja, negociou seus namoros; deu presentes de amor em troca de favores. "A intriga política estava [...] fora de simetria com a verdadeira missão de Israel. Tendia a secularizar o povo, a fazer dele uma nação como as outras nações do mundo e, desta forma, equivalia a comerciar galanteios e falar mentiras contra Jeová".[37]

Todavia, ainda que eles merquem entre as nações, eu os congregarei; já começaram a ser diminuídos por causa da carga do rei dos príncipes (10). Este é um versículo difícil, mas parece indicar que, embora os israelitas tenham negociado

favores com as nações, Jeová os congregará com o propósito de disciplinã-los. Eles sentirão a **carga** tributária imposta pelo **rei dos príncipes**. Phillips sugere que eles vão diminuir os presentes por causa dos pesados impostos.

O capítulo se encerra com uma descrição de adoração sem o "conhecimento de Deus" (cf. 11.1-4). **Porquanto Efraim multiplicou os altares para pecar; teve altares para pecar** (11). Amós (Am 4.4,5) propusera ironicamente que Israel oferecesse cada vez mais sacrifícios para que Deus notasse a quantidade e se esquecesse da qualidade das ofertas (cf. Mq 6.6-9). Mas não conseguiram enganar Jeová; a nação só multiplicava seu pecado.

Escrevi para eles as grandezas da minha lei; mas isso é para eles como coisa estranha (12), pode ter esta tradução: "Embora eu lhe escreva a minha lei em dez mil preceitos, estes seriam tidos como coisa estranha" (ARA; cf, BV). No desejo ardente por religiões estrangeiras, a pura adoração de Jeová fora esquecida e isso soava estranho aos ouvidos insensíveis do Israel pecador. A **lei** (Torá) mencionada aqui não é somente o Decálogo, porém a revelação e instrução de Moisés mais as declarações dos profetas.

Quanto aos sacrifícios dos meus dons, sacrificam carne e a comem (13). As pessoas amavam sacrificar para desfrutar o banquete de **carne** que se seguiria. Não admira que Jeová estivesse irado e não os aceitasse. Assim, **eles voltarão para o Egito**. Israel tinha de aprender as lições amargas dos seus antepassados. O **Egito** representa a terra da escravidão (cf. 9.3,6), da qual Israel fora resgatado, mas que simbolizava o sofrimento pelo qual o povo tinha de passar novamente.

O versículo 14 determina uma vez mais a fonte do pecado de Israel: **Porque Israel se esqueceu do seu Criador**. Esquecer Deus e ostentar o próprio poderio diante de nações estrangeiras trouxe o julgamento do Senhor sobre Israel. A frase final: **Mas eu enviarei um fogo contra as suas cidades, e ele consumirá os seus palácios**, refere-se a ambas as nações (Israel e Judá). "Estes castelos de falsa segurança o Senhor destruirá, o *armanoth* [cidades cercadas] correspondem ao *hokkaloth* [templos]".[38]

O capítulo 8 oferece possibilidades diversas de exposição impressionante. Ele representa o caráter do pecado com clareza: 1) O engano do pecado, 2,11,12; 2) A ação recíproca do pecado, 7; 3) O absurdo do pecado, 9; 4) O fardo do pecado, 10; 5) O julgamento contra o pecado, 14.

Uma análise textual de 8.1 proporciona uma explicação do pecado: 1) O pecado é essencialmente relação rompida, 1b; 2) O pecado é uma transgressão da lei, 1c.

b) *A angústia e cativeiro de Israel* (9.1-17). Ao dar continuidade à acusação apresentada no capítulo 8, Oséias faz uma descrição no capítulo 9 da pena do exílio, o definhamento da nação. Israel rejeitou Jeová e tem de enfrentar a perda de rei, crianças, lugares de adoração e país.

Nos versículos 1 a 9, o profeta faz uma advertência de julgamento apesar da prosperidade temporária. **Não te alegres, ó Israel, até saltar, como os povos; porque te foste do teu Deus como uma meretriz** (1). Os israelitas não devem se exultar, pois a infidelidade (prostituição) foi a causa de haverem se separado de Deus. As festividades de Israel deviam ser ocasiões felizes, mas as festas de Baal se desdobraram em festança licenciosa. Isto ocorria, sobretudo, na festa da colheita, que começava como ocasião de agradecimento e alegria, mas acabava em libertinagem. "Oséias destaca

fortemente que junto com a lealdade a *Yahweh* (Jeová) está a adoração feliz de um povo grato, ao passo que junto com a virada infiel a uma adoração das forças da Natureza está um colapso da vida moral".[39]

Amaste a paga sobre todas as eiras de trigo (1). Israel deixou de considerar que as bênçãos da colheita vinham de Deus e passou a atribuí-las à adoração de Baal, no qual se alegravam. Por causa dessa "prostituição espiritual", **a eira e o lagar não os manterão** (2). Trigo, óleo e vinho não os nutrirão nem os satisfarão, porque estarão distantes, no exílio. O versículo 3 explica o versículo 2. **Egito** (3) é, obviamente, um símbolo para o exílio (8.13) como nos dias de Moisés. A expressão: **na Assíria comerão comida imunda** mostra que as leis dietéticas do Pentateuco eram conhecidas nos dias de Oséias. Comer **comida imunda** estava associado aos gentios. Mesmo nesta época, Deus deu a Israel sua proteção contra a degradação, mas no exílio não haveria tal proteção. O "emblema de distinção" não vale mais, os limites e distinções sociais acabaram – tais fatos eram julgamentos que Israel sentia ardentemente.[40]

Os quadros nos versículos 3 e 4 descrevem nitidamente o exílio vindouro. Os verbos hebraicos estão no futuro simples. Na Assíria, **não derramarão vinho** (libação) **perante o SENHOR** (4), mas **os seus sacrifícios para eles serão como pão de pranteadores.**[41] **Seus sacrifícios** não serão agradáveis a Jeová. A expressão: **o seu pão será para o seu apetite; não entrará na casa do SENHOR** significa que não haverá templo ao qual eles possam levar uma oferta antes de comer o alimento.

Que fareis vós no dia da solenidade e no dia da festa do SENHOR? (5). Israel não poderá observar as festas do Senhor enquanto estiver no exílio. Ou talvez o significado seja que os israelitas fariam sacrifícios, mas que não haveria a alegria da ocasião festiva porque estavam desacompanhados de justiça.

Porque eis que eles se foram por causa da destruição (6) quer dizer que os israelitas estarão sujeitos ao exílio. O **Egito** é mencionado simbolicamente como o lugar deste exílio. **Mênfis** era a antiga capital do Baixo Egito, hoje em ruínas ao sul da antiga Cairo. O tesouro de Israel será destruído e suas habitações ficarão abandonadas: "As urtigas herdarão os seus tesouros de prata e os espinhos ocuparão as suas tendas" (Phillips; cf. NVI).

Mais uma vez o texto fala dos **dias da visitação** (7; "castigo", BV; ARA; ECA; NVI; cf. 2.13), desta feita junto com **os dias da retribuição** ("punição", NVI). O radical da palavra hebraica indica que **retribuição** é a execução necessária da prostituição de Israel. Então a nação **saberá** que o **profeta** profissional **é um insensato**. Estes mensageiros predisseram somente prosperidade para o povo (Ez 13.10). O **homem de espírito** ("homem inspirado", NVI) é idêntico ao **profeta insensato**. "O termo *'ish ruach* (homem de espírito) é sinônimo de *'ish holekh ruach* (homem que anda no espírito), mencionado em Miquéias 2.11, onde diz que profetiza mentiras. [...] Até os falsos profetas ficam sob um poder demoníaco superior, e eram inspirados por um *ruach sheqer* (espírito de mentira, 1 Rs 22.22)".[42] Isto, em si, com certeza mostrava a profundidade da **iniqüidade** de Israel e o grande **ódio**.

Deus queria que Efraim fosse o seu **vigia** e profeta para as nações circunvizinhas, mas não há confiança nesses mensageiros profissionais e não inspirados pelo Senhor.[43] Assim, o **profeta é como um laço de caçador de aves em todos os seus caminhos** (8), e há "inimizade, hostilidade, e perseguição na casa do Senhor" (ATA; cf. NVI).

Oséias lembra os leitores do comportamento depravado de Israel em **Gibeá** (9; cf. Jz 19), quando "não havia rei em Israel" (Jz 19.1) e "cada um fazia o que parecia reto aos seus olhos" (Jz 21.25).

Uma vez mais ouvimos o clamor aflito de Jeová: **Achei Israel como uvas no deserto, vi a vossos pais como a fruta temporã da figueira no seu princípio** (10). O Senhor representa-se como viajante no deserto que sente grande prazer e alegria ao achar uvas para matar a sede e figos temporãos, iguaria muito apreciada para a maioria dos orientais (Is 28.4; Jr 24.2; Mq 7.1). Assim, Deus se deliciava em ajudar Israel como seu povo escolhido no Egito. Mas os filhos de Israel **foram para Baal-Peor**[44] e "se tornaram abomináveis como o objeto que amavam" (Vulgata; cf. BV; RC; ARA; ECA; NTLH; NVI).[45] Eles se tornaram de caráter semelhante àquilo que amavam.

No versículo 11, encontramos uma figura diferente, mas paralela. A **glória** de Efraim **como ave, voará; não haverá nascimento, não haverá filho, nem concepção**. "A glória de Efraim voou como pássaro; não há mais nascimento, não há mais maternidade, não há mais concepção!" (VBB; cf. ECA; NVI). Os povos de terras orientais consideravam a esterilidade uma desgraça. *Efraim* quer dizer "fertilidade". A ironia da escritura está na observação de que o frutífero ficará estéril, e o qualificativo "frutífero" deixará de caracterizar Israel.

A **glória** de Israel era sua relação exclusiva com Jeová; agora os israelitas rejeitavam essa glória do mesmo modo que abandonaram sua eleição. Não admira que Deus diga: **Ai deles, quando deles me apartar!** (12). A glória terá ido porque as últimas gerações de Israel se foram: **Para que não fique nenhum homem**. A última frase do versículo 12 dá a razão para o castigo ameaçador: a partida do Senhor. O luxo será punido pela "diminuição de números", que é conseqüência da esterilidade. Ainda que nasçam filhos, **eu os privarei deles** – os homens se perderão na batalha.

O tema da glória desvanecedora de Efraim continua nas descrições dos versículos 13 e 14. **Efraim, assim como vi Tiro, está plantado em um lugar deleitoso** (13), contudo a nação **levará seus filhos ao matador**. A palavra **Tiro** quer dizer "rocha". Israel pretendia ser uma rocha, símbolo de poder e glória. Mas agora que sua apostasia ficou notória, o Senhor entregaria seus filhos à morte pela espada.

Oséias parece inquieto com a situação. "Dá-lhes o que merecem" (14, ATA), diz o profeta. Jamieson interpreta que as palavras **uma madre que aborte e seios secos** indicam: "A calamidade será tão grande, que a esterilidade será uma bênção, ainda que essa condição fosse considerada uma grande desgraça" (cf. Jó 3.3; Jr 20.14; Lc 23.29)".[46]

No versículo 15, Oséias volta à situação anterior e fala por Deus. **Gilgal** era um dos santuários degradados pela adoração a Baal (cf. 4.15; 12.11). Paradoxalmente, foi o primeiro lugar onde os israelitas fizeram um culto a Jeová depois da travessia do rio Jordão (Js 4.20; Mq 6.5). Foi ali que Jeová os odiou. Como marido traído, ele os lançaria fora de sua casa; não os amaria mais, pois os **rebeldes** (15) o rejeitaram. Knight faz um comentário sobre o versículo 15: "O Antigo Testamento nunca usa o palavreado tolo de certos evangelistas de hoje que declaram que Deus odeia o pecado, mas ama o pecador. O pecado não existe independentemente de homens que pecam. É por isso que Deus, em sua pureza e amor santo, tem de odiar o próprio pecador".[47]

Efraim, o frutífero, agora é atingido duramente por uma ferrugem: **Secou-se a sua raiz; não darão fruto** (16; cf. Sl 102.4). Talvez isto seja um trocadilho amarga-

mente irônico feito por Oséias. "Efraim, o frutífero, não dá mais frutos" (Phillips). O hebraico indica o cumprimento certo da profecia.

As ameaças nos versículos 11 e 12 são reforçadas no versículo 16 e encerradas no versículo 17 com uma razão para essa rejeição: **O meu Deus os rejeitará, porque não o ouvem; e desocupados andarão entre as nações** (17). A frase final transmite um tremendo tom patético. A palavra traduzida por **desocupados** ("errantes", ARA) é usada em referência a Caim em Gênesis 4.14 (cf. Dt 28.65). Ao considerar que Israel preferiu andar desocupado; agora é Deus que diz: **Desocupados andarão entre as nações.** "A luz que Deus dá aos homens, e particularmente a luz do amor, [...] ou ilumina-lhes os olhos ou cega-lhes os olhos. Esta é a convicção de todos os profetas".[48]

4. *Resumo e Súplica* (10.1-15)

Oséias tem duas mensagens: o pecado de Israel e o seu castigo. Estes temas são repetidos muitas vezes. "A repetição, não a progressão de pensamento, caracteriza o fluxo impetuoso de eloqüência inspirada do profeta Oséias".[49] No capítulo 10 há uma repetição quádrupla e uma referência dupla ao pecado de Israel, que é: 1) O estabelecimento de reis não autorizados; e 2) A instituição da adoração do bezerro de ouro. O castigo é paralelo ao pecado na destruição do reino e seus ídolos.[50]

Metáforas descritivas são abundantes nesta profecia. Oséias já falou de "vaca rebelde" (4.16), negociantes fraudulentos (5.7, "aleivosamente se houveram"), homens doentes (5.13), "adúlteros" (7.4), "uma pomba enganada" (7.11) e, agora, "uma vide frondosa".

Israel é uma vide frondosa;[51] **dá fruto para si mesmo** (1), ou seja, Israel "colheu" seus frutos. A reclamação do Senhor não era que os israelitas prosperaram, mas que eram egoístas. Em vez de aumentar a gratidão a Jeová, a prosperidade tornou-se ocasião de aumentar o número de **altares** e **estátuas** ou colunas[52] de Baal (cf. Êx 23.24; 1 Rs 14.23).

O seu coração está dividido (2), "e agora devem carregar sua culpa" (NVI). Seus sentimentos estavam divididos por causa da influência nefanda da adoração a ídolos. Israel tem de expiar sua infidelidade, pois Deus destruirá seus **altares** e **estátuas.**

Oséias anuncia que, um dia, eles se darão conta de que a razão de não terem um rei, é porque não temem o **SENHOR** (3). A última frase do versículo talvez signifique: "Se não reverenciamos o Senhor, o que nos poderia fazer o rei?" (VBB; cf. ARA; NTLH; NVI).

Os versículos 4 a 7 acrescentam mais detalhes sobre o fracasso de Israel. **Multiplicaram palavras, jurando falsamente, fazendo um concerto** (4). Quando o povo dividiu sua lealdade, também perdeu a crença em seus reis. Estes faziam e guardavam o concerto somente quando lhes era pessoalmente vantajoso. "Tinha havido uma seqüência funesta de regentes que, em nível internacional, faziam alianças fraudulentas e, nacionalmente, brincavam com políticas de força; nenhum deles reinou por possuírem um dom carismático" (cf. 7.7; 8.4).[53] Um governante desta qualidade não faria mais que "proferir meras palavras" (RSV) e entrar em pactos inúteis.

Nestas circunstâncias o único **juízo** ("justiça", NTLH) que Israel conhecia era uma experiência amarga. **Erva peçonhenta** era, talvez, a cicuta, o veneno dado a Sócrates. Amós se refere a veneno quando observa: "Haveis tornado o juízo em veneno e o fruto da justiça, em alosna" (Am 6.12, ARA; cf. ECA; NVI).

Os versículos 5 e 6 fazem uma descrição gráfica da relação do povo com os ídolos. Se a comunhão com Deus constituía uma grande alegria, a relação de Israel com os ídolos de **Bete-Áven** (5) seria de lamento. Diante do julgamento iminente o **povo** e os **sacerdotes** lamentaram pela segurança dos **bezerros** (touros) de ouro. Estes **sacerdotes** eram *kamar*, idólatras ("sacerdotes idólatras": ARA; cf. ECA; NVI; NTLH). Os verdadeiros sacerdotes de Israel eram *kohen*. Oséias mostra que o próprio bezerro de ouro vai peregrinar no exílio: **Também a Assíria será levada como um presente** (tributo) **ao rei Jarebe** (6). A palavra **Jarebe** não é nome próprio. Significa "grande rei" (ver BV; ECA; NVI; cf. ARA; NTLH). **Efraim ficará confuso... por causa do seu próprio conselho**, ou seja, por causa deste ídolo de quem buscou conselho deliberativo. Assim, "os reis fantoches compartilharão o mesmo destino que os deuses fantoches".[54] O rei de Samaria será destruído como "um refugo sobre a superfície das águas" (7, Phillips; cf. BV; ARA).

Oséias identifica o principal pecado de Israel com a imagem de adoração em Bete-Áven (Betel). **E os altos de Áven** (Bete-Áven), **pecado de Israel, serão destruídos** (8).

Estes lugares de adoração idólatra tinham de ser totalmente destruídos, pois **espinhos e cardos crescerão sobre os seus altares** (8). Com o fim do reino e de seus altares e santuários, o povo almejará a morte e destruição, e dirá **aos montes: Cobri-nos! E aos outeiros: Caí sobre nós!** Sem concerto e ídolos, as pessoas buscarão as montanhas a fim de se esconder da ira de Deus (cf. Hb 10.31; Ap 6.16). No versículo 9, o profeta volta a falar do pecado de **Gibeá** como exemplo da pecaminosidade absoluta de Israel (ver comentários em 9.9).

A palavra **transgressões** (10) é mais bem traduzida por "dupla transgressão" (ARA; cf. NVI).[55] Por causa de sua grande iniqüidade, a nação será castigada e acorrentada diante dos inimigos.

No versículo 11, há uma comparação entre o animal que é ensinado a **trilhar** e o que é enviado a lavrar o campo. O Código Deuteronômico permitia ao boi comer enquanto trilhava os grãos (cf. Dt 25.4). O jugo que Jeová pusera em Israel era leve, mas por causa do pecado cometido o Senhor o enviaria aos campos para arar. Deus poria um jugo pesado no pescoço de Israel, em vez de um cavaleiro a conduzir. O povo seria conduzido em vez de ser dirigido. Estas são figuras de subjugação e escravidão.[56] "As esperanças que Efraim tinha de escapar serão frustradas. Os assírios se mostrarão senhores duros".[57]

É notável que, mesmo na zero hora antes do julgamento, Deus, mais uma vez, oferece sua misericórdia (*chesed*) para Israel. A nação ainda tem a chance de obedecer esta ordem: **Semeai para vós em justiça, ceifai segundo a misericórdia; lavrai o campo de lavoura; porque é tempo de buscar o SENHOR, até que venha, e chova a justiça sobre vós** (12). **Semeai... justiça** implica em ações corretas entre dois homens. Se Israel fizesse a vontade de Deus, ele colheria **misericórdia** de acordo com a compaixão de Jeová e não **perversidade**.

Aqui, e em Jeremias 4.3, a palavra hebraica *nir* pode significar **campo de lavoura** (terra arada) ou solo não cultivado. Em ambos os casos, a terra fora abandonada até ficar seca pelo calor e cheia de espinhos. Qualquer uma das duas interpretações indica que o povo tem de trabalhar sob circunstâncias difíceis em um novo curso de vida.[58]

Este é o momento decisivo. É a vontade de Deus que **chova a justiça sobre** Israel, mas há obediência parcial ou nula. A nação está tão dedicada na propensão à idolatria que ficou insensível ao chamado de Deus.

Os versículos 13 a 15 identificam uma vez mais a conseqüência da indiferença e **impiedade**. Há um efeito cumulativo quando os homens praticam o mal: "Mas vocês plantaram a maldade e acabaram colhendo só pecados" (13, BV). Eles não confiaram em Jeová, mas **na multidão** dos seus **valentes**. Alguns tradutores unem a última parte do versículo 13 com o começo do 14: "Porque confiastes nos vossos carros e na multidão dos vossos valentes, portanto, entre o teu povo se levantará tumulto de guerra" (RSV).

Nada sabemos sobre esta ilustração: **Salmã destruiu a Bete-Arbel** (14). A palavra **salmã** é, provavelmente, contração de Salmaneser, o conquistador de Israel (2 Rs 17.6). Logsden assevera que **Bete-Arbel** é um "quadro pré-desenvolvido" de Betel, em que mais tarde se cumpriu a profecia do versículo 14: **A mãe ali foi despedaçada com os filhos.**[59]

Assim vos fará Betel (15) deveria ser "Assim eu vos farei" (VBB). **Betel**, o lugar da **malícia** e da idolatria,[60] será destruído em uma **madrugada** (*basshachar*, "crepúsculo da manhã"). Devemos entender que o **rei de Israel** refere-se à monarquia em geral e não a um monarca específico. Na época da invasão, era o rei Oséias que estava no trono.

Os versículos 11 a 15 oferecem uma exposição sobre o evangelismo: 1) A falsa esperança de Israel, 11a; 2) A súplica amorosa de Deus em face do julgamento iminente, 12; 3) O julgamento incontestável de Deus, 13-15.

C. O Amor de Jeová, 11.1—13.16

1. *A Magnanimidade de Deus* (11.1-11)

O capítulo 11 de Oséias é um dos grandes textos do Antigo Testamento. É neste contexto que Deus apresenta a figura do filho ao lado da imagem da noiva. Deus amava Israel como um filho (cf. Dt 32.6,18; Is 63.16; 64.8; Jr 3.19; Ml 1.6; 2.10).

a) *A preocupação de Deus pelo seu povo* (11.1-4). **Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei a meu filho** (1). Este versículo está baseado em Êxodo 4.22,23, que diz: "Então, dirás a Faraó: Assim diz o SENHOR: Israel é meu filho, meu primogênito. E eu te tenho dito: Deixa ir o meu filho, para que me sirva; mas tu recusaste deixá-lo ir; eis que eu matarei a teu filho, o teu primogênito". Esta não é uma profecia, mas uma descrição da relação de Jeová com os filhos de Israel quando estes foram eleitos por Ele para serem o povo do concerto. Snaith denomina esta relação do "amor-eleição" de Deus.[61] Israel era o filho de Jeová, por causa da sua eleição como o povo escolhido do Senhor (Êx 4.22). O amor de Deus foi expresso na adoção de Israel "como o filho de Jeová, que começou com a libertação da escravidão do Egito e terminou na conclusão do concerto no monte Sinai. [Isto] forma o primeiro estágio no cumprimento da obra divina de salvação, que terminou na encarnação do Filho de Deus para redimir a humanidade da morte e destruição".[62]

Se a figura da "noiva" no livro de Oséias dá a entender que ela era um indivíduo antes do casamento, trata-se de indicação meramente parcial da significação da relação de Deus com o seu povo. Um filho "é dependente do cuidado do pai desde o nascimento, e mesmo antes de nascer. Assim, esta segunda afirmação suplementa a primeira".[63]

Martin Buber, como judeu desfrutava grande influência na comunidade cristã, atribui a relação ao zelo de Jeová no deserto: "Eu os amei (11.1) e eles me traíram (9.10; 11.2; 13.6)".[64] Buber sugere também três tipos de amor mencionados em Oséias, pois "o profeta não usa profusamente a preciosa palavra 'amor'".

O amor de Deus: 1) É um amor exigente, 11.1-4; 2) É um amor colérico, 9.15; 3) É um amor misericordioso, 14.5.[65]

A frase: **do Egito chamei a meu filho** significa que Israel passou do serviço de Faraó para o de Jeová. Este ato de Deus, na mente dos israelitas fiéis, era um dos grandes momentos de sua história. Mas, embora o Senhor os tivesse chamado, eles **sacrificavam a baalins e queimavam incenso às imagens de escultura** (2). Esta tradução deixa o versículo 2 mais claro: "Mas, quanto mais os chamava, mais eles se afastavam de mim, para oferecerem sacrifícios aos baalins e queimarem incenso aos ídolos" (VBB; cf. BV; ARA; NVI). Agora, Deus fala com grande ternura e com a mesma figura do filho: "Mas fui eu quem ensinou Efraim a andar, quando o tomei nos braços; mas eles não perceberam que fui eu quem os curou" (3, NVI; cf. ARA). Pode ser que Deus tenha se humilhado tanto que o filho não reconheceu a "semelhança de Deus em tal humildade".[66]

No versículo 4, a figura muda. "Como um lavrador leva o seu animal favorito, assim guiei Israel, puxando-o com cordas de amor. Desatei sua boca para ele poder comer. Eu mesmo me abaixei e lhe dei comida" (BV). Devemos contrastar as **cordas** com as rédeas com que controlamos os animais. Elas representam a compaixão do pai por um filho, quando o guia **com cordas de amor**. Ao findar o trabalho do dia, o fazendeiro tira o jugo dos bois e os alimenta. Do mesmo modo, à tardinha, o Senhor retira as cordas e amorosamente alimenta seu filho.

b) *O castigo de Israel* (11.5-7). Os versículos 5 a 7 destacam uma vez mais que, pelo fato de Israel ter rejeitado o amor (*chesed*) de Deus, o castigo será sua sina. A declaração **não voltará para a terra do Egito** (5) parece contradizer 8.13 e 9.3. Nestas referências anteriores, o Egito é mencionado simbolicamente como a terra da escravidão. Aqui, é usado literalmente e comparado com a Assíria. Embora houvesse o desejo de voltar no sentido de aceitar a ajuda do Egito, o malogro será sua sina; a **Assíria será seu rei, porque recusam converter-se** a Deus.

Os versículos 6 e 7 dão mais detalhes sobre o caráter rebelde de Israel e o castigo iminente. **Cairá** (6, hb., "rodopiará", "girará") sugere que a espada de Assur "varrerá as suas cidades" (Keil), ou seja, vencerá de forma espetacular. Com toda a probabilidade, o termo **ferrolhos** refere-se às "trancas de suas portas" (NVI). **Por causa dos seus conselhos** mostra que esta é a conduta de Israel e não de Deus!

É difícil de traduzir e interpretar o hebraico constante no versículo 7: "E Deus está irado com os seus queridos, e não os exaltará" (LXX); "O meu povo está decido a me abandonar e por isso Eu o condenei à escravidão; ninguém será capaz de livrar Israel" (BV). Qualquer uma das duas traduções indica o objetivo inexorável do julgamento diante da pecaminosidade da nação.

c) *O Deus anelante* (11.8-11). Mas é tão grande o amor do Senhor por seu povo que Ele não consegue deixá-lo ir: **Porque eu sou Deus e não homem, o Santo no meio de ti** (9). Por causa da santidade divina, revelada no seu "amor-concerto" (*chesed*), ele é

"mais amável que o pai mais amável e mais gentil que o condutor mais gentil".[67] No versículo 8, as advertências de Deus cessam temporariamente. O filho desapontou o Pai; por isso, o Pai tem de entregá-lo à Assíria e escolher outro instrumento na terra que faça tudo que Ele diz. "Mas no Sinai, Deus pôs seu *chesed* sobre seu filho/noiva para sempre".[68] Aqui está a cruz no coração de Deus. **Admá** e **Zeboim** (8) eram cidades da planície que, como Sodoma e Gomorra, foram destruídas.[69]

Deus poderia mesmo destruir Israel? Seu espírito anelante diz que não, mesmo que sua justiça diga que sim. "Está comovido em mim o meu coração, todas as minhas compaixões à uma se acendem" (8, ECA; cf. NVI). Sua compaixão arde em seu interior. "Não tornarei a destruir Efraim" (9, NVI). É a tendência do homem a se desesperar, mas não a de Jeová. Deus não permite que a infidelidade afete sua compaixão.

Em uma das grandes e comoventes passagens da Bíblia, Deus revela a dor que Israel lhe causou. Ainda que Deus seja transcendente e independente do homem, **o Santo** está **no meio de ti** (9; cf. Is 12.6). Como disse um antigo rabino: "Deus é o coração de Israel".[70] O clamor está no "eterno agora". **Como te deixaria, ó Efraim?... Porque eu sou Deus e não homem.**

Nos próximos dois versículos, o profeta dá continuidade à promessa de esperança de Deus. O Senhor é **como leão** (10). A figura não tem a intenção de aterrorizar, mas é um chamado que o Senhor dá a seus filhos para que venham correndo de todos os cantos do globo. **E os farei habitar em suas casas, diz o SENHOR** (11). No dia do cumprimento da promessa messiânica, Deus os estabelecerá na sua herança para sempre (cf. Jr 32.37: "E farei que habitem nele seguramente").

2. *O Inexorável Exílio* (11.12—12.14)

Ao representar Jeová, Oséias justifica novamente o julgamento iminente por causa da apostasia de Israel: **Efraim me cercou com mentira, e a casa de Israel, com engano** (12). A frase **Judá ainda domina com Deus** é difícil de entender, porque esta expressão sugere o contrário do contexto. Esta tradução é consistente com o significado sugerido no versículo 12a: "Judá ainda não está firme com Deus, com o Santo".[71]

a) *A controvérsia do Senhor* (12.1). Em 12.1, a mentira e falsidade de Israel estão descritas de modo mais abrangente. Sua vaidade é como correr atrás do crestante **vento leste** (1), o qual, caso ocorresse, destruiria o que atingisse. Ao se tornarem infiéis ao Senhor, os israelitas **fazem aliança com a Assíria** e exportam **azeite** ao **Egito**. Com isto, esperavam comprar proteção contra a Assíria. No esforço de jogar uma nação contra outra, Israel foi pego entre as duas.

b) *Uma palavra ao Reino do Sul* (12.2-6). **Judá** (2) não é inocente. **Jacó** (todas as doze tribos) receberá o castigo que merece. O profeta cita o exemplo de Jacó que era enganador, foi condenado porque era hipócrita, mas se arrependeu de seu pecado. **Pela sua força** (3) é traduzido "já homem feito, Jacó lutou com Deus" (NTLH; cf. BV). Como Jacó **prevaleceu** e **suplicou** (4), assim Israel pode se achegar a Deus. O versículo 4 alude a Gênesis 32.24-32, passagem que narra a luta de Jacó com Deus em oração. Foi ali que o nome de Jacó foi mudado para Israel, "Príncipe de Deus", no sentido de ter poder. Vemos, pois, que foi somente por luta sincera que Jacó se tornou Israel.[72]

O SENHOR é o seu memorial (5) pode ser traduzido por "Jeová (*Yahweh*) é o seu nome comemorativo" (cf. NVI). A palavra expressa como Deus desejava ser lembrado – o Eterno, o Imutável, o Deus do concerto de Israel. É a este Deus que, no fim, Israel voltaria; assim o profeta apela: **Tu, pois, converte-te a teu Deus** (6). "Volta-te agora para mim", é o chamado melancólico. Note como Moffatt traduz a última parte do versículo: "Sê sempre amável e justo e em teu Deus põe tua confiança infalível". Como em Miquéias 6.8, Jeová chama uma vez mais o seu povo. O estudante do livro de Oséias não pode deixar de ficar impressionado com a compaixão e paciência de Deus nas suas repetidas ofertas de perdão e restauração.

c) *O orgulho de Israel* (12.7-9). O versículo 7 menciona que Israel é como um **mercador** (*canaan*) que busca vantagens, quando engana e oprime. Como comerciante fraudulento, Efraim não acha que este procedimento é pecado, porque ele ficou **enriquecido** (8), como se a riqueza fosse sinal de inocência. Mas seus ganhos foram adquiridos desonestamente e o castigo está perto.

Mas eu sou o SENHOR, teu Deus, desde a terra do Egito; eu ainda te farei habitar em tendas, como nos dias da reunião solene (9). Isto é castigo ou restauração? A tônica do texto está na última opção, contudo, ambas as idéias podem estar presentes. A nação será afastada do luxo e sedução do culto a Baal para a simplicidade e severidade do deserto, que conheceu apenas por tradição. Se esta se tornar ocasião de preparar as pessoas para o serviço do Senhor, terá sido a conseqüência do castigo e não o propósito da punição.[73]

d) *A culpa de Israel* (12.10-14). Jeová lembra Israel de quem Ele é e do que fez. Falou **aos profetas**, deu **visão** para revelar sua vontade e **símiles** (10; "parábolas", ECA; NVI) pelo ministério de seus servos. Mas, apesar disso, toda a terra está impregnada de **iniqüidade** (11); especificamente, a adoração ao bezerro de ouro. Dois famosos centros idolátricos são inspecionados: **Gileade** e **Gilgal**.[74]

Os versículos 12 a 14 falam do merecido castigo: **Jacó fugiu para o campo da Síria, e Israel serviu por uma mulher e por uma mulher guardou o gado** (12). Estas palavras destacam a situação penosa que Jacó suportou (Gn 29–31) como fugitivo de Canaã. Na **Síria** (Arã), ele serviu como criado comum para obter sua esposa.[75] O propósito do contraste entre os versículos 12 e 13 é ajudar Israel a se lembrar dos poucos bens com os quais os israelitas foram chamados quando estavam no Egito. Era este fato que tinham de reconhecer a cada ano na Festa das Primícias (Dt 26.5-10). **Mas o SENHOR, por meio de um profeta** (Moisés), **fez subir a Israel do Egito** (13) e **por um profeta, foi** Israel **guardado**. Diante de tais procedimentos providenciais, **Efraim mui amargosamente provocou** (14) o Senhor. Em vez de mostrar gratidão, sua ingratidão incitou a ira do Senhor.[76] **Portanto, deixará ficar sobre ele o seu sangue e o seu Senhor fará cair sobre ele o seu opróbrio** (14). O **sangue** ou "culpa de sangue" diz respeito a Efraim e não a Jeová. Talvez se refira especificamente à culpa de sacrifícios humanos, que estavam associados com a adoração de Moloque. Deus os deixou com a culpa do pecado e o conseqüente castigo.

No capítulo 12, encontramos: 1) A loucura do pecado, 1; 2) A medida da punição – de acordo com os pecados, 2; 3) A negligência do pecador, 2-4. Também temos: 1) O caráter de Deus, 5,10; 2) A longanimidade de Deus, 9; 3) A ira final de Deus, 14.

3. *A Conseqüência Final: O Exílio* (13.1-16)

Os primeiros oito versículos do capítulo 13 relatam os argumentos que levaram Oséias a concluir que a conduta de Israel é suicida. A ingratidão do povo em face da providência divina, seu orgulho e a negligência de reverenciar Jeová são fatores que justificam a conclusão à qual Deus chegou. Porque o Senhor foi desde o princípio o Ajudador e Libertador dos israelitas, eles são responsáveis pela própria destruição.[77]

Para mostrar a que ponto extremo Israel fora em sua apostasia, o profeta destaca a eminência que Efraim teve entre as doze tribos antes de pecar: **Quando Efraim falava, tremia-se; foi exalçado em Israel** (1). Mesmo quando falava humildemente, expressava com autoridade; **mas ele fez-se culpado em Baal e morreu**. Com a introdução da adoração a Baal no reinado de Jeroboão I, no qual Jeová foi simbolizado por bezerros de ouro (cf. 1 Rs 12.28), Efraim foi entregue à destruição.[78]

E, agora, multiplicaram pecados (2) e eles fizeram imagens de prata, **obra de artífices**. A expressão: **os homens que sacrificam, beijam os bezerros** refere-se aos bezerros, símbolos da fertilidade. As pessoas beijavam os ídolos feitos com as próprias mãos. O absurdo da ação como ato de adoração foi retratado com sarcasmo pelo profeta.

A morte de Israel está perto. O profeta usa quatro figuras para enfatizar a destruição prematura que está para vir. A vida da nação, diz ele, é **como a nuvem de manhã** (3), **como o orvalho da madrugada, que cedo passa, como o folhelho** ("palha", ARA) impelido pelos ventos e **como o fumo** ("fumaça", ARA) **da chaminé**.

Nos versículos 4 a 8, Deus insiste que Israel reconheça que a base de sua existência está no **SENHOR, teu Deus** (4). Do **Egito** até este momento, Israel não conheceu outro Deus senão Jeová e não achou outro **Salvador** (outro verdadeiro ajudador). Tempos mais tarde, Isaías faria o mesmo argumento clamoroso: "Eu, eu sou o SENHOR, e fora de mim não há Salvador" (Is 43.11). "Mas primeiramente, Israel teve de aprender que a 'estranha obra' de Deus acarretava a destruição do seu povo antes de poder salvá-los, não que a destruição fosse parte da sua atividade salvífica".[79]

Não reconhecerás outro deus além de mim (4). Com o primeiro mandamento (Êx 20.3), Israel precisava tomar consciência novamente do direito total que Jeová tinha sobre seu povo. Foi Jeová quem deu aos israelitas o maná e a água no **deserto** (5); mas assim que prosperaram, se esqueceram de Deus e se entregaram à idolatria. Por isso, o seu Salvador tornou-se o seu Destruidor. **Serei, pois, para eles como leão; como leopardo, espiarei no caminho** (7). Eles serão dilacerados como a presa de animais selvagens. A figura continua e é enfatizada no versículo 8. O julgamento será executado **como urso que tem perdido seus** filhotes, arrancando-os das **teias** (centro) do **coração** de quem os roubaram.

Para tua perda, ó Israel, te rebelaste contra mim, contra o teu ajudador (9); ou, como traduz a Septuaginta: "Se eu te destruir, ó Israel, quem será teu ajudador?" (cf. NTLH). Não há salvação da destruição para quem serve os falsos deuses. O **rei** não pode salvá-lo (**te guarde**); o único Salvador é Jeová (10).

Dei-te um rei na minha ira e to tirei no meu furor (11). Israel exigiu um rei (1 Sm 8.5) e Jeová consentiu. Mas esta declaração em particular pode se referir à sucessão de reis a partir de Jeroboão I, o primeiro rei de Israel, até Oséias, o rei na época da invasão. O governo teocrático da casa de Davi foi substituído por uma sucessão de autodenominados reis, que Jeová, no seu **furor**, permitiu governar para a própria destruição dos israelitas.

Nada acerca do mal de Israel será esquecido: **A iniqüidade de Efraim está atada** (12). A expressão **o seu pecado está armazenado** é traduzida por Moffatt assim: "O seu pecado é mantido em estoque para ele". A transgressão deve ser mantida em mente até a chegada do dia de ajuste de contas.

A figura de repente muda: **Dores de mulher de parto lhe virão** (13). Os julgamentos estão associados com as dores agudas e repentinas de uma mulher em trabalho de parto; em conseqüência disso nasce uma nova vida (Is 13.8; Mq 4.9,10; Mt 24.8). Mas Israel é um filho tolo, porque não surgirá nos lugares desejados ou certos: "Ele precisa de novo nascimento, mas não se esforça em obtê-lo" (ATA). Não há mudança de figura. A mãe e o filho serão tratados como a mesma pessoa. **Ele é um filho insensato**, porque não chega a nascer, ou, como natimorto, não há vida nele (cf. VBB, nota de rodapé).

Os comentaristas diferem radicalmente quanto à interpretação do versículo 14. Traduzi-lo inteiramente por afirmações positivas mostra uma promessa. O hebraico, porém, com suas sentenças interrogativas, tende a indicar que a idéia de promessa é, pelo menos, secundária à da ameaça. "Será, então, que eu vou salvar o meu povo da morte? Será que vou livrá-los do mundo dos mortos?" (14a, NTLH; cf. BV) **Onde está, ó morte, as tuas pragas? Onde está, ó inferno, a tua perdição? O arrependimento será escondido de meus olhos** (14b). Certo comentário[80] observa que esta última frase é a chave do significado: **O arrependimento** ("compaixão", ECA; NTLH; NVI) **será escondido de meus olhos**. Deus não pode mais mostrar misericórdia. Efraim tinha de estar no corredor do julgamento. Se o equilíbrio do versículo deve ser interpretado coerentemente com esta última frase, as sentenças interrogativas requerem uma resposta negativa: "Efraim está fora da capacidade de recuperação",[81] está espiritualmente morto.[82]

Os versículos 15 e 16 declaram novamente que o Senhor planeja destruição absoluta. A invasão ocorreu 12 anos depois. O versículo 15 inicia com um desdém ao nome Efraim, que significa "frutífero" ou "duplamente frutífero". **Ainda que ele dê fruto entre os irmãos**, a tragédia virá como o **vento leste** para secar a **nascente** e a **fonte**, as origens de poder e estabilidade. A última frase é uma ameaça: O invasor assírio **saqueará o tesouro de todos os vasos desejáveis**. Ele saqueará o reino.

O capítulo se encerra com a declaração de que "Samaria tem de sofrer por sua culpa" (16, Phillips) ou "carregará sua culpa" (NVI; cf. BV; ARA). Em seguida, a profecia apresenta os detalhes horríveis da conquista e destruição de Samaria efetuados por Salmaneser. Oséias prevê que **seus filhos serão despedaçados, e as suas mulheres grávidas serão abertas pelo meio** (cf. 2 Rs 8.12; Sl 137.9; Is 13.16).

Alexander Maclaren, ao fazer uma exposição textual de 13.9, observa: 1) A descoberta amorosa da ruína; 2) A súplica amorosa à consciência quanto à causa; 3) A paciência amorosa que ainda oferece restauração.

Seção III

ARREPENDIMENTO E RESTAURAÇÃO

Oséias 14.1-9

A. A Súplica Final ao Arrependimento, 14.1-3

Depois de 13 capítulos que tratam de pecado, julgamento e punição, nos versículos 1 a 3 deste capítulo, Deus faz uma última súplica. Se o Senhor não fosse Deus, o leitor ficaria admirado com a constante inutilidade de tudo. Mas "eu sou Deus e não homem" (11.9), e isso faz a diferença.[1]

Converte-te, ó Israel, ao SENHOR, teu Deus (1). O profeta identifica que a razão para o chamamento é a **iniqüidade** do povo. Israel é exortado a não responder com conversa fiada, mas com oração: **Expulsa toda a iniqüidade** (2) "e aceita-nos graciosamente" (ECA; cf. NVI). "O texto descreve que *kashalta* (**iniqüidade** ou pecado) é uma 'escorregadela' que ainda deixa aberta a possibilidade da volta." [2] A conversão tem de começar com uma oração por perdão de *toda* a iniqüidade e pela confiança simples na misericórdia de Deus. **Os sacrifícios dos nossos lábios** ("o fruto dos nossos lábios", NVI) seriam as palavras sinceras ditas de corações penitentes.

No versículo 3, a confissão continua. A Assíria não pode salvar, nem o Egito com seus **cavalos** de guerra, nem os deuses feitos pela **obra das nossas mãos** trazem salvação. A exclamação: **Tu és o nosso Deus**, já não será proferida por esses penitentes. As figuras do casamento e do filho de Oséias estão envolvidas na declaração: **Por ti, o órfão alcançará misericórdia**. Israel era órfão antes de ser adotado como nação do concerto do Senhor, e dois dos filhos de Gômer seriam órfãos, caso Oséias não os tivesse adotado.

B. A Promessa de Bênção Última, 14.4-8

A resposta à oração penitencial (1-3) encontra-se nos versículos 4 a 8, que descrevem a resposta do Senhor. **Eu sararei a sua perversão, eu voluntariamente os amarei; porque a minha ira se apartou deles** (4). Deus responde com uma promessa de salvação. A promessa é curar os danos causados pela apostasia de Israel. Abrange as lesões físicas e os fracassos morais. A promessa do Senhor é amá-los **voluntariamente**, sem esperar nada em troca.[3] Sua **ira**, inflamada pela idolatria, agora **se apartou** de Israel.

Eu serei, para Israel, como orvalho (5). Esta é a terceira vez que Oséias usa a figura do orvalho. Nos outros exemplos, ele falou da duração do orvalho matinal (6.4; 13.3). Agora, "ele emprega a palavra como um retrato do beijo gentil do perdão de *Yahweh*, que dá nova esperança e vida aos amados". [4] Israel crescerá exuberantemente **como o lírio**, com **raízes** semelhantes aos cedros do **Líbano**.[5] A expressão **estender-se-ão as suas vergônteas** (6; "brotos", NVI; "ramos", ARA) sugere que a prosperidade de Israel brotará.

Como os cedros do Líbano têm um aroma doce, assim será Israel para o Senhor – um cheiro perfumado. Com respeito aos versículos 5 a 7, Rosenmuller sugere: "O *enraizamento* indica estabilidade; a *propagação* dos ramos, multiplicação e multidão de habitantes; o *esplendor* da oliveira, beleza e glória, aquilo que é constante e duradouro; a *fragrância*, alegria e encanto".[6]

As figuras de linguagem continuam no versículo 7: **Voltarão os que se assentarem à sua sombra**. Aqueles que se sentam sob a sombra de Israel **serão vivificados como o trigo e florescerão como a vide**. O "perfume" (BV; **memória**), que **será como o vinho do Líbano**, desde tempos imemoriais é célebre na Palestina.

A passagem se encerra com o versículo 8: **Efraim dirá: Que mais tenho eu com os ídolos?** Algumas traduções põem as palavras na boca de Deus: "Ó Efraim, que tenho eu [a ver] com os ídolos?" (ARA). "Eu te ouvirei e cuidarei de ti" (ECA; cf. NVI). O versículo é, em parte, promessa, e, em parte, súplica. Dá a entender que o dia da idolatria terminou e Deus nada terá a ver com os ídolos, porque Efraim se livrou deles. [7] Jeová continua: **Eu sou como a faia verde**, a fonte em que a nação encontrará seu **fruto** (força e sustento). A promessa do capítulo se cumpre na era messiânica.

C. Epílogo, 14.9

O termo de abertura diz respeito a tudo que Oséias colocou diante do povo em sua profecia de advertência: **Quem é sábio, para que entenda estas coisas? Prudente, para que as saiba?** O capítulo se encerra com uma sinopse da profecia do livro: **Porque os caminhos do SENHOR são retos, e os justos andarão neles, mas os transgressores neles cairão.**

O capítulo 14 é um clímax apropriado ao livro de Oséias. Neste capítulo, identificamos o segredo da redenção: 1) A sinceridade dos arrependidos, 2a; 2) A oração pela restauração total, 2b; 3) A fé em um Deus misericordioso, 2c; 4) A esperança dos convertidos 4; (5) O crescimento dos convertidos, 5,6; 6) O estado final dos convertidos, 7.

Na conclusão adequada de seu estudo sobre a profecia de Oséias, Martin Buber fala de "A Virada para o Futuro":

YHVH promete a Israel, que voltou à vida, um concerto duplo (Os 2.1,19-23). Primeiro, há o concerto de paz que o Senhor faz por Israel com todas as criaturas vivas e com todas as nações do mundo; e segundo, há o novo concerto matrimonial pelo qual se casa com Israel para sempre segundo os grandes princípios que compõem a relação de dois lados entre a deidade e a humanidade. Esta promessa é qualificada para uma ligação *dialógica*. No deserto, onde ocorre a mudança interior e de onde se origina a transformação de todas as coisas, a esposa "cantará" ("responderá", NVI; "corresponderá", BV) ao marido "como nos dias da sua mocidade" (Os 2.15), e ele "responderá" (Os 2.22,23), não somente a ela, mas ao mundo inteiro. Ao mesmo tempo, a chuva de "resposta" se derrama de Deus para o céu e, dali, para a terra, sendo esta a razão de todas as bênçãos produtivas de Jezreel. Tudo muda: como *Lo-Ruama* se torna *Ruama* e *Lo-Ami* se torna *Ami*, assim Jezreel, outrora chamado por este nome amaldiçoado devido ao lugar onde ocorreu uma ação sangrenta, agora se revela de acordo com o significado deste nome, qual seja, "aquele que Deus semeia". Desta forma, Deus é responsável por uma nova geração. YHVH semeia a terra com uma nova semente. E ao término do livro retorna o conceito dialógico de "resposta". YHVH cura o desvio dos israelitas, porque a sua "ira se apartou deles" (Os 14.5). Ele deseja ser como orvalho para os filhos de Israel, que voltarão a habitar na sombra do Líbano (Os 14.8) e florescer como a vide. Porque "eu sou aquele que responde" (Os 14.9).[8]

Notas

INTRODUÇÃO

[1] Citado em Albert C. Knudson, *The Beacon Lights of Prophecy* (Nova York: The Methodist Book Concern, 1914), p. 93.

[2] Gleason L. Archer Jr., *A Survey of Old Testament Introduction* (Chicago: Moody Press, 1964), p. 93. Amós identificou a pecaminosidade da nação em termos de não-conformidade com a justiça divina; Oséias falou do pecado na qualidade de quebra do concerto. A palavra hebraica *chesed* tem o sentido geral de "amor do concerto". Portanto, *chesed* fala de uma relação contratual "em que as duas partes são unidas por deveres que têm de ser honrados com zelo e paciência firmes. Foi nesta relação de *chesed* que *Yahweh* entrou com seu povo no Sinai; por conseguinte, o pecado do povo acha-se no fato de não ter honrado seus deveres (ver "Hosea", IB, pp. 556, 557; cf. Norman H. Snaith, *The Distinctive Ideas of the Old Testament* [Filadélfia: Westminster Press, 1946], pp. 122, 123).

[3] George L. Robinson, *The Twelve Minor Prophets* (Nova York: George H. Doran & Company, 1926), p. 16.

[4] A. B. Davidson, "Hosea", *Dictionary of the Bible*, editado por James Hastings *et al.*, vol. II (Nova York: Charles Scribner & Sons, 1909), p. 420.

[5] Archer, *op. cit.*, p. 310.

[6] *Ib.*

[7] C. F. Keil e Franz Delitzsch, "Hosea", *Biblical Commentary on the Old Testament* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1954), p. 15.

[8] Knudson, *op. cit.*, pp. 92, 93.

[9] Kyle M. Yates, *Preaching from the Prophets* (Nova York: Harper & Brothers, 1942), p. 55.

[10] *Ib.*, pp. 55-86.

[11] Frederick Carl Eiselen, *Prophecy and the Prophets* (Nova York: The Methodist Book Concern, 1909), p. 54.

[12] J. D. Smart, "Hosea", *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, editado por George A. Buttrick *et al.* (Nova York: Abingdon Press, 1962), p. 652.

[13] Snaith, *op. cit.*, p. 119. Ver tb. Gerhard Kittel *et al.*, "Love", *Bible Keys Words*, traduzido para o inglês e editado por J. R. Coates (Nova York: Harper & Brothers, 1951), pp. 18, 19; Gustave F. Oehler, *Theology of the Old Testament*, traduzido para o inglês por George E. Day (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.), p. 178; Otto J. Baab, *The Theology of the Old Testament* (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1949), p. 18; Anders Nygren, *Agape and Eros*, traduzido para o inglês por Phillip S. Watson (Filadélfia: The Westminster Press, 1953), pp. 75, 76.

[14] M. C. Vriezen, *An Outline of Old Testament Theology* (Boston: Charles T. Bradford Company, 1958), p. 126.

[15] *Ib.*, p. 129.

[16] Snaith, *op. cit.*, p. 155.

[17] Stuart E. Rosenberg, *More Loves than One: The Bible Confronts Psychiatry* (Nova York: Thomas Nelson & Sons, 1963), p. 34.

SEÇÃO I

[1] R. Lansing Hicks, "The Twelve Minor Prophets", *The Oxford Annotated Bible: RSV*, editado por Herbert G. May e Bruce M. Metzger (Nova York: Oxford University Press, 1962), p. 1.088 (notas).

[2] Archer, *op. cit.*, p. 310.

[3] Keil, *op. cit.*, p. 27.

[4] Archer, *op. cit.*, p. 311.

[5] John W. Horine, "The Book of Hosea", *Old Testament Commentary*, editado por Herbert C. Alleman e Elmer E. Flack (Filadélfia: The Muhlenberg Press, 1948), p. 795.

[6] Keil, *op. cit.*, p. 45.

[7] Joseph S. Exell, editor, "Hosea", *The Biblical Illustrator: The Minor Prophets*, vol. I (Nova York: Fleming H. Revell Company, s.d.), p. 9.

[8] J. J. Given, "The Book of Hosea" (Exposition and Homiletics), *The Pulpit Commentary*, editado por H. D. M. Spence e Joseph S. Exell (Nova York: Funk & Wagnalls, s.d.), p. 9.

[9] *Ib.*

[10] Keil, *op. cit.*, p. 51.

[11] E. B. Pusey, *The Minor Prophets* (Nova York: Funk & Wagnalls, 1886), p. 28.

[12] Otto Schmoller, "Hosea", *A Commentary on the Holy Scriptures: Critical, Doctrinal and Homiletical*, editado por J. P. Lange, vol. XIV (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1874, reimpressão), p. 35. Inserção do comentarista deste volume.

[13] Esta interpretação particular parece contradizer a anterior, que fala que os filhos são os "poucos fiéis". A mudança de figura não é fora do comum no livro de Oséias.

[14] Keil, *op. cit.*, p. 53.

[15] *Ib.*

[16] H. R. Reynolds, "Hosea", *Commentary on the Whole Bible*, editado por Charles John Ellicott, vol. V (Londres: Cassell & Company, 1897), p. 415.

[17] Keil, *op. cit.*, p. 54.

[18] Matthew Henry, *Commentary on the Whole Bible*, vol. VI (Nova York: Fleming H. Revell Company, s.d.), p. 764.

[19] "Arrancarei", "arrebatarei".

[20] Hebraísmo que significa "tirar".

[21] George A. F. Knight, "Hosea", *Torch Bible Commentaries*, editado por John Marsh e Alan Richardson (Londres: SCM Press, Limited, 1960), pp. 55ss. A Páscoa, o Pentecostes e os Tabernáculos eram as três festas anuais. A festa da "lua nova" era celebrada no primeiro dia de cada mês. O sábado, do pôr-do-sol de sexta-feira ao pôr-do-sol de sábado, era um dia em cada sete dedicado a Jeová.

[22] O plural de **Baal** é baalins. Há várias formas de Baal (inclusive Baal-Peor, Baal-Berite, Baal-Zebube, etc.), cujo nome veio a designar qualquer ídolo ou falso deus.

[23] Knight, *op. cit.*, p. 56.

[24] G. Campbell Morgan, *Hosea* (Londres: Marshall, Morgan & Scott, Limited, 1948), p. 15.

[25] Martin Buber, *The Prophetic Faith* (Nova York: The Macmillan Company, 1949), p. 115.

[26] Horine, *op. cit.*, p. 797.

[27] John Mauchline, "Hosea" (Exegesis), *The Interpreter's Bible*, editado por George A. Buttrick *et al.*, vol. VI (Nova York: Abingdon Press, 1956), p. 593.

[28] O culto de Baal: Astarote tinha vários nomes no Oriente Próximo e era adorada como a deusa da fertilidade. Consideravam-na a cônjuge de El (termo genérico para referir-se a "deus") e/ou Baal. Era sensual e selvagem com ênfase exagerada em suas partes sexuais. Conheciam-na também por Astarte, a deidade em forma de vaca, com santuários (aseras) no cume dos montes (1 Rs 14.23; Os 3.4). A tentação ao homem comum era grande, pois a renovação da vida representada na conduta das prostitutas dos templos pagãos, estava estreitamente relacionada com a renovação da fertilidade da terra no começo da primavera. "Supunha-se que o induzimento da vida dentro do útero da 'santa' indicava a nova vida na primavera" (Knight, *op. cit.*, p. 19). Mesmo que Deuteronômio 23.17,18 proibisse o contato com prostitutas cultuais, esta prática ainda era bastante comum nos dias de Jeremias, um século depois de Oséias (2 Rs 23.6,7).

[29] Knight, *op. cit.*, p. 62.

[30] O **éfode** era uma peça do vestuário sacerdotal (1 Sm 2.18; 22.18; 2 Sm 6.14). A descrição em Êxodo 28.28,29; 35.27 diz que o éfode era um colete dispendioso, confeccionado com ouro e tecido azul, púrpura e carmesim. Nesta roupa era presa a bolsa do oráculo que continha o Urim e o Tumim (pedras com as quais os israelitas apuravam a vontade de Deus). Ver IDB, p. 118; Hastings, DB, p. 955. Os **terafins** eram ídolos do lar (ARA; cf. NTLH; NVI) empregados na adivinhação.

[31] Knight, *op. cit.*, p. 63.

[32] Keil, *op. cit.*, p. 72.

SEÇÃO II

[1] Ver Introdução para inteirar-se de uma explanação mais completa sobre fidelidade, amor e conhecimento.

[2] Keil, *op. cit.*, p. 75.

[3] Pusey, *op. cit.*, p. 47.

[4] Os intérpretes não sabem se o v. 11 conclui a acusação contra os sacerdotes ou se começa a acusação contra o povo.

[5] Given, *op. cit.*, vol. XIII, p. 104.

[6] Keil, *op. cit.*, p. 81.

[7] *Ib.*

[8] Morgan, *op. cit.*, p. 27.

[9] *Ib.*, p. 28.

[10] Reynolds, *op. cit.*, p. 420.

[11] Robinson, *op. cit.*, p. 23.

[12] *Ib.*

[13] Reynolds, *op. cit.*, p. 420.

[14] *Ib.*, p. 89.

[15] Keil, *op. cit.*, p. 92.

[16] George Adam Smith, *The Book of the Twelve Prophets*, vol. I (Nova York: Harper & Brothers, 1928), p. 282.

[17] Esta ação não indica que Deus é inacessível, mas que ele espera pelo movimento de Israel. O livro de Oséias está cheio de figuras para caracterizar a tragédia.

[18] Keil, *op. cit.*, p. 93.

[19] Robert Jamieson *et al.*, *A Commentary: Critical, Experimental and Practical*, vol. I (Hartford: The S. S. Scranton Company, s.d.), p. 655; Keil, *ib.*, p. 96.

[20] Knight, *op. cit.*, p. 79.

[21] Na realidade, Gileade não era uma cidade, mas uma região; provavelmente todo o Israel a leste do rio Jordão. Ver Ramote-Gileade, *i.e.*, Ramote em Gileade, mapa 2.

[22] "Hosea", IB, vol. VI, p. 630.

[23] Knight, *op. cit.*, p. 82.

[24] Horine, *op. cit.*, p. 800.

[25] Keil, *op. cit.*, p. 109.

[26] *Ib.*

[27] Lange, *op. cit.*, p. 69.

[28] "Hosea", IB, vol. VI, p. 643.

[29] Keil, *op. cit.*, p. 111.

[30] *The Minor Prophets*, p. 45, conforme citado em IB, p. 643.

[31] *Ib.*, p. 646.

[32] Henry, *op. cit.*, p. 745.

[33] Knight, *op. cit.*, p. 89 (cf. 1 Rs 12.28-33; Jeroboão I ordenara a construção de dois bezerros de ouro, um em Dã e o outro em Betel. Talvez Jeroboão tivesse considerado que o touro era uma representação segura do *Yahweh* (Jeová) invisível, mas, na melhor das hipóteses, tratava-se de uma inovação perigosa para camponeses que não sabiam distinguir os cultos a Baal da adoração de *Yahweh*).

[34] *Ib.*, p. 90.

[35] T. Henshaw, *The Latter Prophets* (Londres: George Alien & Unwin, Limited, s.d.), p. 98.

[36] Given, *op. cit.*, vol. XIII, p. 240.

[37] Knudson, *op. cit.*, p. 116.

[38] Keil, *op. cit.*, p. 114. Na inscrição relativa à campanha militar empreendida em 701 a.C., o rei Senaqueribe menciona as **cidades** fortificadas. "Quarenta e seis das suas [de Ezequias] cidades fortes, fortalezas [...] eu sitiei e capturei". Estas cidades foram construídas por Uzias e Jotão (2 Cr 26.10; 27.4). Quanto à alusão aos **palácios** (templos) de Israel, cf. Amós 3.11,15 (ver Ellicott, *op. cit.*, p. 425.

[39] Knight, *op. cit.*, p. 95.

[40] Exell, *op.cit.*, p. 167.

[41] *Lechemn 'onim*, "pão de aflição". O pão comido nas refeições funerárias era considerado imundo, porque o cadáver contaminava a casa e tudo que estivesse associado à cerimônia. Aqui, o significado é que o pão não ficaria santificado na casa de Jeová, porque os filhos de Israel estavam longe do local de revelação (santuários e templos).

[42] Keil, *op. cit.*, p. 122.

[43] Amós sentia a obrigação de renunciar o título técnico de "profeta" por causa das falsas profecias dos mensageiros profissionais. Ele dizia que era "boieiro e cultivador de sicômoros" (Am 7.14). Talvez Oséias tenha passado por situação semelhante.

[44] Baal-Peor era deus dos moabitas em cuja adoração as jovens se prostituíam.

[45] Conforme citado por Jamieson, *op. cit.*, p. 653.

[46] *Ib.*, p. 568.

[47] Knight, *op. cit.*, p. 100.

[48] *Ib.*

[49] Alexander Maclaren, *Expositions of Scripture*, vol. VI (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1944, reimpressão), p. 114.

[50] *Ib.*

[51] O particípio hebraico *boqeq* significa "exuberante", "superabundante", "transbordante" (cf. Ez 15.6).

[52] Quanto mais próspero Israel ficava, mais sagrados ficavam as colunas que ele esculpia com beleza e cuidado.

[53] "Hosea", IB, vol. VI, p. 670.

[54] *Ib.*, p. 673.

[55] É difícil interpretar "dupla transgressão" (10.10, ARA; cf. NVI) à luz do contexto, a menos que seja traduzido por "grande" (cf. "muitos pecados", NTLH). Os israelitas são castigados por seu "grande" pecado. A interpretação de Keil é que a expressão significa "duas transgressões": "Sua apostasia de Jeová e da casa real de Davi" (cf. 3.5), p. 133.

[56] Keil, *op. cit.*, p. 134.

[57] S. Franklin Logsden, *Hosea* (Chicago: Moody Press, 1959), p. 86.

[58] *Ib.*

[59] Destruir "mãe e filhos" juntos é uma expressão proverbial em hebraico que denota a crueldade desumana e fala do destino de Israel às mãos de Salmaneser (Keil, *op. cit.*, p. 136).

[60] A ironia de Betel, o lugar de adoração do bezerro de ouro, estava no próprio nome. Foi Jacó quem originalmente deu ao lugar o nome de "casa de Deus" (Gn 28.19).

[61] Snaith, *op. cit.*, pp. 131-142.

[62] *Ib.*, p. 137.

[63] Knight, *op. cit.*, p. 108.

[64] Buber, *op. cit.*, p. 45.

[65] *Ib.*, p. 113.

[66] Adam C. Welch, *Kings and Prophets of Israel* (Londres: Lutterworth Press, 1952), p. 147.

[67] Henshaw, *op. cit.*, p. 99.

[68] Knight, *op. cit.*, p. 110.

[69] "Hosea", IB, vol. VI, p. 688 (cf. Dt 29.23; Jr 49.18).

[70] *Ib.*

[71] O significado do verbo *rud* (**domina**) em árabe é "vaguear". É usado para se referir ao gado que fugiu. O termo *niphil* significa "fazer vaguear" (Gn 27.40), quer dizer, ser descontrolado ou rebelde. *Qedoshim*, Santo, é usado em Provérbios 8.10, para referir-se a Deus e significa firme, fiel, confiável, o oposto de *rud*. Assim, Judá é "descontrolado" para com o Deus (El) poderoso (Keil, *op. cit.*, p. 145; cf. F. W. Farrar, *The Minor Prophets* [Nova York: Fleming H. Revell Company, s.d.], p. 93).

[72] O termo *Yehovah zikhro* deve ser menção ao "Deus dos Exércitos" e não ao Deus dos patriarcas. Esta diferença era importante nos dias de Oséias, pois Deus não só era o Deus dos patriarcas, mas o Deus que dominava os céus e a terra com onipotência irrestrita (ver Keil, p. 148).

[73] "Hosea", IB, vol. VI, p. 701.

[74] **Gileade**, situado a leste do rio Jordão, ocupava-se em fabricar falsos deuses. O termo "gilgals" se tornara um trocadilho para aludir a "montões de pedras" empilhados ao lado dos sulcos ou solo arado. Assim, seus altares são como "gilgals". Gilgal, no centro de Efraim, sempre é mencionado como lugar de adoração idólatra.

[75] O termo hebraico *shamar*, "cuidar do gado", aludia a uma das servidões mais difíceis. Arã (**Síria**) é provavelmente a tradução hebraica do termo aramaico Padã-Arã (Gn 28.2; 31.18).

[76] **Ira**, *tamrurim*, em hebraico, é usado como expressão adverbial que significa "amargamente" (Keil, p. 152).

[77] Given, *op. cit.*, p. 395.

[78] Keil interpreta de modo bem diferente. O v. 1a fala de Efraim que sobe ao governo com a rebelião de Jeroboão I. O povo tremeu com a revolução e guerra civil, e não com a exaltação das dez tribos (p. 153).

[79] Knight, *op. cit.*, p. 117.

[80] "Hosea", IB, vol. VI, p. 714.

[81] *Ib.*

[82] Paulo tinha opinião mais otimista quando usou o versículo para servir seus desígnios e propósitos (1 Co 15.55). "Mas, conforme Oséias as proferiu, as palavras infundem derrota e não desafio: A compaixão se escondeu dos olhos do povo" (*ib.*).

SEÇÃO III

[1] É provável que o capítulo 14 seja, essencialmente, uma liturgia usada para ensinar a Israel as verdades de Deus segundo eram expressas por Oséias.

[2] Keil, *op. cit.*, p. 164.

[3] Este é o âmago do *chesed* de Deus e do *agape* de 1 Coríntios 13.

[4] Knight, *op. cit.*, p. 125.

[5] O **lírio** cresce em profusão e beleza na Palestina, embora suas raízes sejam fracas. Mas as **raízes** de Israel crescerão fortes e profundas, como as **raízes** dos cedros do **Líbano** (5; cf. Sl 80.10).

[6] Citado de Keil, *loc. cit.*, p. 166.

[7] A promessa parece igual à que se cumpriu quando Judá voltou da Babilônia, quando nunca mais os israelitas usaram imagens na adoração.

[8] Buber, *op. cit.*, p. 125; YHVH, ou *Yahweh*, ou Jeová.

Comentário Bíblico Beacon

5

Oséias a Malaquias

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que "subsiste eternamente".

Oscar F. Reed
Armor D. Peisker
H. Ray Dunning
William M. Greathouse

ISBN 85-263-0689-8
9 788526 306899